

ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SANTA CASA DE MISERICÓRIDA DE
VITÓRIA – EMESCAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO LOCAL

M'BANA N'TCHIGNA

**A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU: A
PERCEPÇÃO DE AMÍLCAR LOPES CABRAL**

VITÓRIA
2017

M'BANA N'TCHIGNA

**A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU: A
PERCEPÇÃO DE AMÍLCAR LOPES CABRAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local.

Orientador: Prof. Dr. Valmin Ramos da Silva

VITÓRIA

2017

Dados internacionais de Catalogação -na- Publicação
(CIP)
EMESCAM – Biblioteca Central

N961e N'Tchigna, M'Bana.
A educação no processo de libertação da Guiné -Bissau: a percepção de Amílcar Lopes Cabral. / M'Bana N'Tchigna. - 2017.
74f.

Orientador (a): Prof.º Dr. º Valmin Ramos da Silva.

Dissertação (Mestrado) em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM, 2017.

1. Educação. 2. Guiné-Bissau. 3. Escravidão. 4. Política pública. I. Silva, Valmin Ramos da. II. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM. III. Título.

CDU: 342.733(665.7)

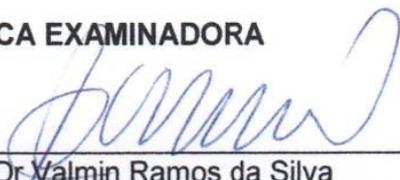
M'BANA N'THIGNA

**A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO
DA GUINÉ-BISSAU: A PERCEPÇÃO DE AMÍLCAR
LOPES CABRAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local.

Aprovada em 30 de novembro de 2017.

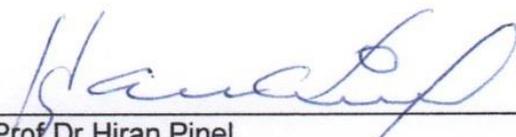
BANCA EXAMINADORA



Prof Dr Valmin Ramos da Silva
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de
Misericórdia de Vitória – EMESCM
Orientador



Prof Dr César Albenes de Mendonça Cruz
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de
Misericórdia de Vitória – EMESCM
Membro Titular Interno



Prof Dr Hiran Pinel
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Membro Titular Externo

Ofereço essa dissertação à memória do meu pai B'guóh Na Tchigna e da minha mãe Kanñ Na M'mába, pela educação que me deram e que me orientou na vida até hoje.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Supremo Deus e à minha família por essa vitória.

Aos meus filhos, M'gueny e Wiinny, que desejo transmitir exemplo de vida como um legado.

Ao meu primo Betákda Na N'guwana (*in memorian*), pela determinação em me manter na escola.

Ao José Manuel e Maria Fùta (Kbanthë), por me acolherem como filho por um período da minha vida no Bairro Klélé-Bissau-Guiné Bissau.

Aos meus irmãos, tanto na cidade, como os que moram na savana, pela vibração em me apoiar com palavras de incentivo aos estudos.

À Profa. Ângela Maria Caulyt Santos da Silva e à Profa. Luciana Carrupt Machado Sogame, pela simplicidade e pela convicção que têm em passar o que sabem e que me encorajaram a olhar para o futuro.

À Profa. Maria Carlota de Rezende Coelho e Profa. Silvia Moreira Trugilho, pela firmeza e dedicação que passaram conteúdos que desafiaram o meu limite.

À Profa. Janine Pereira da Silva, por dedicar seu tempo, por vários instantes, em me auxiliar nos momentos decisivos.

Ao Prof. César Albenes de Mendonça Cruz, pela amizade e apoio oferecido quando precisava.

À secretária do Mestrado Yára Musiello Barcellos que imensamente reconheço o esforço em me ajudar.

Ao Prof. Valmin Ramos da Silva, meu orientador, pela competência e jeito simples de compreender, administrar e contornar as dificuldades que tive durante o curso.

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino”.

(Leonardo da Vinci)

RESUMO

INTRODUÇÃO: Mesmo no século XXI a oferta de educação de qualidade continua um grande desafio em todo mundo, especialmente nos países do terceiro mundo como na Guiné Bissau. A educação de baixa qualidade dificulta o desenvolvimento sociocultural e econômico, contribuindo para manter a colonização, atraso, pobreza e dependência dos países ricos. Essa situação de vulnerabilidade educacional foi uma das motivações da luta de Amílcar Lopes Cabral nos ideais de libertação da Guiné-Bissau. Assim, o objetivo desta dissertação é promover uma reflexão sobre os ideais de libertação de um povo por meio da educação.

DESENVOLVIMENTO: Amílcar Lopes Cabral, nasceu em Guiné Bissau em 1924, concluiu o ensino primário em 1938, e superior em 1952, em Portugal. Jovem de espírito revolucionário, reconheceu que em quase quinhentos anos de colonização, era apenas um dos doze africanos de Cabo Verde e da Guiné Portuguesa com instrução superior e que as autoridades portuguesas não se importavam com os problemas dos nativos. Para Amílcar Cabral, a educação dos nativos, negada por Portugal, era a principal arma de libertação. Focava na preparação de guineenses que iriam conduzir os destinos do novo país depois da libertação. Homem de grande sensibilidade, percorreu o país avaliando suas fortalezas e fragilidades, fortalecendo suas convicções ideológicas e políticas para estabelecer uma estrutura de Estado de caráter socialista, criando a liderança ideológica da Força Revolucionária do Povo (FARP) a força antagônica revolucionária contra o colonizador, na crença da formação de um novo povo africano livre e capaz de lutar pelo ideal comum de liberdade. Fazia parte do espaço de reflexão e troca de informações com outros estudantes africanos de Moçambique, Angola, Cabo Verde, formando o núcleo de estudo sobre a realidade colonial do seu país e debatiam sobre a história e realidade africana. Ao concluir Agronomia (1952), deixou todo o conforto de Portugal e retornou para Guiné-Bissau, 28 anos depois, para trabalhar como agrônomo. Cria o Partido Africano para Independência da Guine e Cabo Verde. Mesmo com 99% da população analfabeta, decidiu que as crianças precisavam ser educadas e ensinadas a pensar na clara necessidade da luta pela dignidade própria e pela luta por independência. Encarregado (1953) do censo agrícola em toda Guiné Bissau, conheceu e tornou-se conhecido, não se limitando a catalogar o solo e os cultivos, mas fez levantamento sociológico e antropológico nas comunidades, conhecendo as manifestações culturais

de todos os grupos étnicos, como Djakanka, Braasa, Brama, Bidjugos, Baiótes, Biafadas, Fulas, Felupes, Mandingas, Mansoankas, Nalus e Tanda, além de presenciarem o sistema de dominação do colonizador, tornando-se não apenas um agricultor, mas pesquisador, sociólogo, antropólogo e filósofo.

CONCLUSÃO: Os ideais de liberdade de Amílcar Lopes Cabral de Castro, permanecem atuais como forma dos processos de liberdade, dignidade humana e avanços sociais para os oprimidos, contra aqueles que detêm o poder pela manutenção da ignorância dos dominados e oprimidos.

Palavras-chave: Educação. Guiné-Bissau. Escravidão. População Privada de Liberdade. Grupos Étnicos

ABSTRACT

INTRODUCTION: Even in the 21st century, the provision of quality education remains a major challenge throughout the world, especially in third world countries such as Guinea Bissau. Poor quality education hinders socio-cultural and economic development, contributing to colonization, backwardness, poverty and dependence on rich countries. This situation of educational vulnerability was one of the motivations of Amílcar Lopes Cabral's struggle in the liberation ideals of Guinea-Bissau. Thus the objective of this dissertation is to promote a reflection on the ideals of liberation of a people through education.

DEVELOPMENT: Amílcar Lopes Cabral was born in Guinea Bissau in 1924, completed primary education in 1938, and later in 1952 in Portugal. He was a revolutionary young man who recognized that in nearly five hundred years of colonization he was only one of the twelve Africans of Cape Verde and Portuguese Guinean with higher education and that the Portuguese authorities did not care about the natives' problems. For Amílcar Cabral, the education of the natives, denied by Portugal, was the main weapon of liberation. It focused on the preparation of Guineans who were to lead the destinies of the new country after their liberation. A man of great sensibility, he traveled around the country assessing his strengths and weaknesses, strengthening his ideological and political convictions to establish a socialist state structure, creating the ideological leadership of the Revolutionary People's Force (FARP) the antagonistic revolutionary force against the colonizer, in the belief of the formation of a new free African people capable of fighting for the common ideal of freedom. It was part of the space for reflection and exchange of information with other African students from Mozambique, Angola, Cape Verde, forming the nucleus of study on the colonial reality of their countries and debating on African history and reality. At the conclusion of Agronomy (1952), he left all the comforts of Portugal and returned to Guinea-Bissau 28 years later to work as an agronomist. Creates the African Party for the Independence of Guinea and Cape Verde. Even with 99% of the illiterate population, she decided that the children needed to be educated and taught to think about the clear need for the struggle for their own dignity and for the struggle for independence. In charge of agricultural census (1953) throughout Guinea Bissau, he became acquainted and became known not only to catalog soil and crops, but made a sociological and anthropological survey in the communities, knowing the cultural

manifestations of all ethnic groups, such as Djakanka, Braasa, Brama, Bidjugos, Baiótes, Biafadas, Fulas, Felupes, Mandingas, Mansoankas, Nalus and Tanda, besides witnessing the system of colonizer domination, becoming not only an agronomist, but a researcher, sociologist, anthropologist and philosopher.

CONCLUSION: Amílcar Lopes Cabral de Castro's ideals of freedom remain as a form of the processes of freedom, human dignity and social advances for the oppressed, against those who hold power by maintaining the ignorance of the dominated and oppressed.

Key words: Education. Guinea-Bissau. Slavery. Population Deprived of Liberty; Ethnic Groups.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MÉTODO	16
3 DESENVOLVIMENTO	17
3.1 HISTÓRIAS DE VIDA DE AMÍLCAR LOPES CABRAL	17
3.2 PERCEPÇÃO DE AMICAL CABRAL SOBRE O MUNDO	18
3.3 INDIGNAÇÃO CONTRA A EDUCAÇÃO COLONIAL	19
3.4 RELAÇÕES COM GUINÉ-BISSAU	21
3.5 A TEORIA SOBRE A REALIDADE AFRICANA	22
3.6 A REALIDADE GEOGRÁFICA	25
3.7 A REALIDADE ECONÔMICA.....	26
3.8 A REALIDADE POLÍTICA.....	26
3.9 O PARTIDO PAIGC E A LUTA	28
3.10 A INFLUÊNCIA IDEOLÓGICA DE AMÍLCAR LOPES CABRAL	37
3.11 O CUSTO SOCIAL DO ANALFABETISMO PARA GUINÉ BISSAU	44
4 CONCLUSÃO	58
5 UMA BREVE HISTÓRIAS DE VIDA DO AUTOR	59
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado à Área de Concentração “Políticas de Saúde, Processos Sociais e Desenvolvimento Local” do Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), por compreender a articulação das relações sociais e do Estado com as políticas públicas e com o desenvolvimento local; e insere-se na linha de pesquisa “Serviço Social, Processos Sociais e Sujeito de Direito”, por discutir os estudos sobre serviço social e processos sociais, incluindo pensamentos associados à emancipação, pobreza, violência, analfabetismo, dentro outros.

Nesse contexto, o tema proposto se adequa plenamente, considerando a situação vivenciada por Amílcar Lopes Cabral na Guiné-Bissau, no seu embate diante da postura de Portugal como colonizador e da resistência do povo guineense como integrante da nação colonizada, com forte reflexão de múltiplas expressões focadas na mediação crítica com os processos econômicos, sociais, culturais e ambientais, onde podem ser identificadas as múltiplas expressões da questão social e dos aspectos fundantes da realidade concreta vivenciada pelo povo da Guiné-Bissau, em especial, nas relações Estado-sociedade, nas respostas do Estado às demandas sociais e na ação dos atores sociais nas lutas e movimentos por direitos de cidadania (civis, políticos, sociais, humanos, geracionais, de raças e etnias, de gênero e de livre orientação sexual); assim como sobre os processos de luta para a defesa e ampliação dos direitos e da democracia.

A educação como integrante do processo de libertação da Guiné-Bissau, na percepção de Amílcar Lopes Cabral, uma liderança política ligada à luta social, com seu olhar emancipador norteou o ideal de luta de um povo. Como nacionalista, compreendeu a articulação da relação social existente entre seu povo dominado e o Estado colonial dominador português.

Nessa perspectiva, buscou conhecimentos científicos, recebendo influências externas onde se fortaleceu nos ideais socialistas, mostrando aos seus companheiros o valor da educação no preparo das lideranças para assumir os destinos do país depois da

libertação, sem abrir mão da luta armada, como ferramenta essencial para as mudanças necessárias para a libertação do povo do poder opressor de Portugal.

No processo de libertação, Ele estimulou e fortaleceu o sentimento de reação contra a pobreza, o analfabetismo, a violência e o atraso intelectual. No entanto, como resultado da ignorância vivida pela maioria do povo, que aceitava ser subjugado, o governo português conseguiu se articular com algumas lideranças guineenses, convencendo-as a se manterem leais, depois de concluído o processo de libertação, culminando com a morte de Amílcar Cabral, líder da revolução.

O país continuou politicamente reconhecido como independente, mas houve falta de pessoas com postura ética e conhecimentos para implementar os ideais e os princípios ideológicos da luta. O povo permaneceu na pobreza e no analfabetismo, sem avançar na busca pelas condições mínimas para sobrevivência como acesso a trabalho, alimentação digna, saúde, educação e saneamento básico, atribuídas a políticas inadequadas, planejadas por lideranças locais e focadas em atender as necessidades dos antigos colonizadores, deixando de lado os anseios do povo.

Amílcar Cabral, com muita clareza, enxergava a educação do povo como uma importante ferramenta para o fortalecimento e manutenção do progresso do país. Seu conhecimento amplo no campo prático da antropologia, sociologia, filosofia e economia o credenciava a reconhecer o papel da educação nesse processo. Entendia o valor do limite geográfico entre metrópoles e colônias, descritas por ele como a “Realidade Geográfica”, onde descreveu o cenário político que o ajudou a entender a razão da sua luta, não só no contexto do plano territorial, mas no plano internacional.

Para Moniz (2004), a Percepção de Amílcar Cabral sobre o mundo fazia parte do Processo da Libertação do seu país, cujos questionamentos surgiram bem precocemente. Aos 18 anos de idade, contrariando a cultura de obediência dos anciãos, e tendo um padrão de vida superior ao da maioria do povo, ele discordava e não se conformava com os problemas sociais e a violência contra o povo guineense.

Amílcar Cabral fazia parte dos poucos que puderam estudar e teve acesso à educação superior, graduando-se como Engenheiro Agrônomo em Portugal, que negava a educação a maioria do povo. Este fato contribuiu para fortalecer o seu espírito revolucionário que serviu para envolveu outros poucos estudantes e formarem uma pequena célula revolucionária, em regiões vizinhas, abrindo espaço para reflexões e troca de informações com outros insurgentes africanos.

Para não se render ao inimigo, recusou cargos e a cidadania portuguesa, mostrando a sua superioridade em relação ao seu povo guineense, fortalecendo os seus ideais de liberdade. Planejava educar as crianças como estratégia para fortalecer a dignidade humana, planejando no futuro vencer as humilhações sofridas por seus pais e inculcar a ideia de justiça na alma do povo.

Amílcar Cabral entendia a firmeza na luta pela libertação da Guiné-Bissau, admitindo não ser possível lutar em condições de fragilidade e muito menos promover uma luta armada sem conhecer e interagir com a realidade local e de povos vizinhos, além de dominar e avaliar as forças e fraquezas da militância no partido. Pensava que o povo guineense e cabo-verdiano deveria lutar lado a lado na busca da independência, pois tinham um inimigo em comum com os povos de Angola, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e com o povo de Moçambique e a desunião de qualquer região poderia fortalecer o inimigo e perda das conquistas. Assim, se empenhou na luta contra o imperialismo, o racismo e o colonialismo sem limites fronteiriços.

O seu domínio da geografia da região permitia maior mobilidade e facilitava os ataques aos inimigos, impedindo a reposição de armas e mantimentos, mesmo sem domínio sobre mar e rios. Embora os portugueses tivessem navios, aviões, jatos e helicópteros, as árvores foram importantes na defesa do povo guineense, além das armas que eram importantes pontos de apoio.

Cabral pretendia proporcionar educação, construir fábricas, pontes, barragens e investir no turismo, mas para isto era necessário vencer a exploração dos colonizadores e de nativos que exploravam o seu próprio povo, sendo este um ideal comum na distribuição dos bens e das riquezas.

Preocupava-se com a sucessão após a independência pela possibilidade de um líder oriundo dos nativos manter a exploração do seu próprio povo, deslumbrado pelo desejo da posse de ouro, diamantes, vida luxuosa e obtenção de prestígio entre os antigos colonizadores, sendo a ambição desse líder pior que o colonialista, capaz de perpetua, desta forma, a exploração dos nativos.

Nesse cenário, este capítulo propõe trazer uma breve biografia de Amílcar Lopes Cabral iniciando pelo seu nascimento e história de vida e em seguida, apresentar o contexto político da Guiné-Bissau, marcado por conflitos de ideias que exaltam a educação como caminho viável para libertação, sem dispensar a luta armada. Busca descrever o cenário político que ajudou a entender a razão da luta de Cabral. Na sequência, será dada ênfase à teoria revolucionária por ele criada que lhe serviu para sua luta e por fim, trazer a leitura do cenário final da sua morte e da independência da Guiné-Bissau, descrevendo a evolução educacional na atualidade.

2 MÉTODO

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho documental, utilizando o método história de vida, seguindo o percurso teórico metodológico do sociólogo Daniel Bertaux (1980).

Para a pesquisa empírica, foram consultadas as bases de dados que compõem a Biblioteca Virtual em Saúde (LILACS¹, MEDLINE² e SciELO³), utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) “Educação”, “Guiné-Bissau”, “Escravidão”, “População Privada de Liberdade”, “Minorias Étnicas”, “Grupos Étnicos”, “Etnias”, “Influência”; nos idiomas português, inglês e espanhol; e trabalhos publicados entre 1998 e 2017. Adicionalmente, foram consultados *sites* de órgãos governamentais (OMS⁴, ONU⁵, UNESCO⁶, Portal do MEC⁷), além de blogs e o Google Acadêmico.

Os termos “Amílcar Lopes Cabral”, “narração dos combatentes” e “narração do povo”, apesar de não serem descritores exatos (DECS), foram úteis para identificar o material bibliográfico em *sites* e blogs. Por fim, procedeu-se a leitura, fichamento bibliográfico e análise temática do material. Foram identificadas 22 produções, sendo 17 artigos, duas narrativas, duas teses e um livro, que fundamentaram esta dissertação.

¹ LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

² MEDLINE – Literatura Internacional em Ciências da Saúde

³ SciELO - Scientific Electronic Library Online

⁴ OMS – Organização Mundial da Saúde

⁵ ONU – Organização das Nações Unidas

⁶ UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

⁷ MEC – Ministério da Educação

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 HISTÓRIAS DE VIDA DE AMÍLCAR LOPES CABRAL

Amílcar Lopes Cabral nasceu em uma família privilegiada em comparação aos demais nativos africanos, considerando que nesta época Guiné-Bissau e Cabo Verde estavam sob a escravidão portuguesa. Em 1911 Juvenal Lopes Cabral, pai de Amílcar Lopes Cabral, abandonou Cabo Verde (atingido pela seca severa) e mudou-se para Guiné-Bissau, onde lecionou em diversas regiões, sendo Bafatá o último local em que trabalhou na Guiné-Bissau. Em Bafatá, conheceu Iva Pinhel Evora, uma jovem cujos pais tiveram ascendência cabo-verdiana e com quem se casou. Dessa união, nasceu no dia 12 de setembro de 1924, o primogênito - Amílcar Lopes Cabral.

O pai de Cabral regressou para Cabo Verde em 1933 deixando a família na Guiné-Bissau, retornando três anos depois. Ao chegar em Cabo Verde, Amílcar Cabral começou a estudar na escola primária, cidade da Praia. Assim como seu pai, Cabral iniciou seus estudos na escola primária bem cedo, o que o proporcionou oportunidade rara de se intelectualizar entre nativos africanos de sua época (MONIZ, 2004).

Naquele período, Cabo Verde, um arquipélago composto por dez ilhas situado na costa ocidental africana, sofria drasticamente com a seca. A falta de chuva marcou profundamente o arquipélago impondo-lhe a catástrofe da fome no ano de 1920 e 1947. Estima-se que mais de 30 mil cabo-verdianos morreram de fome na década de 1940. Nessa conjuntura de catástrofe natural pode-se dizer que a Guiné-Bissau foi, sem dúvida, a saída imigratória não só pela proximidade geográfica e pelo mesmo colonizador entre dois povos (Portugal), mas por laços sanguíneos da família de Cabral, pois a Guiné-Bissau foi a colônia portuguesa mais próxima do arquipélago de Cabo Verde ocupada por Portugal em 1446 e 14 anos depois ocuparam o arquipélago de Cabo Verde (1460). A partir dessas ocupações, as ilhas que não eram habitadas foram povoadas pelos portugueses e africanos levados para este arquipélago na condição de escravos. A aproximação histórica que não ficou só no passado, visível hoje nas manifestações socioculturais dos dois povos, gerou a mestiçagem incluindo

Amílcar Cabral que nessa circunstância se transformou no revolucionário educador (MONIZ, 2004).

Esforçado e determinado, Cabral terminou em 1938 o ensino primário e em 1944 já estava cursando o ensino secundário no Liceu Gil Eanes, em Mindelo. No exame final, de 18 pontos, Amílcar Cabral obteve 17 pontos, atingido assim a nota nunca antes alcançada naquele estabelecimento de ensino. Era um jovem atento ao mundo ao seu redor, seus poemas expressavam a agitação do mundo abalado pela Segunda Guerra Mundial, e seus versos expressavam o cotidiano do povo das ilhas clamando pela liberdade. Seu talento era visível, incontestável e no seu cotidiano debatia com o seu pai de forma consciente a realidade política do arquipélago e a opressão colonial vivida pelo povo da Guiné-Bissau (MONIZ, 2004).

3.2 PERCEPÇÃO DE AMÍLCAR CABRAL SOBRE O MUNDO

De modo questionador, Cabral aos 18 anos de idade, incomodava-se com a visão social de seu pai, que ainda depositava confiança numa política ilusória da autoridade portuguesa residente na cidade da Praia (Cabo Verde) e Bafatá (Guiné-Bissau), que resolvessem os problemas deles como nativos (MONIZ, 2004).

Percebeu, então, que a administração portuguesa através do Governador e Ministro Francisco Vieira Machado ignorava qualquer plano de salvação do povo cabo-verdiano, ao se negar a responder a inquietação do mesmo. Cabral percebe que não havia consideração por parte da metrópole por qualquer projeto importante relacionado ao futuro do povo cabo-verdiano. Em sua avaliação, tanto o Ministro como o Governador em Lisboa tinham poderes plenos para estagnar o futuro do povo colonizado. Cabral ressaltou: “Oh, pai, não estou entendendo porque é que em Lisboa devem decidir por nós o que há de ser feito para salvar o nosso povo da fome e da seca.” (HRHATBEB, 1984 apud MONIZ, 2004, p. 5-6)

Amílcar replicava com ar de cansaço em ver o sistema colonial imposto, desprezando seus problemas. Via a solução através da educação para ter especialistas, peritos, médicos, professores e agrônomos, mas essa esperança não seria advinda da

metrópole, mas de alguém ou de uma força nativa capaz de romper com aquela situação política.

Cabral desejava a liberdade como a única esperança capaz de devolver a dignidade aos habitantes da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, uma visão da independência humanitária que era perceptível em seu posicionamento em qualquer abordagem sobre a questão da Ilha. Um nacionalista fervoroso, defensor da nação e dos seus ideais de justiça, não via a hora de acabar com a negligência colonial ao dizer:

Quando nos tornarmos livres, seremos nós próprios os senhores da nossa vida e não vamos pedir favores ao ministro que vêm cá de caminho. Tenho certeza de que chegarão os tempos em que teremos o direito de falar de igual para igual com qualquer [...]. (HRARTHBEB, 1984 apud MONIZ, 2004, p. 15)

Entendia que não alcançar esse direito do povo, impedia a evolução e adormecia o sonho dos povos da África há séculos, pois percebia que poucos nativos conseguiam a instrução necessária. Diante desta realidade de cabo-verdianos e guineenses com número reduzido de escolarizados, Cabral não aceitava essa condição, sendo essa uma das razões que o torna um dos jovens de espírito revolucionário do seu tempo.

Dotado de consciência política brilhante, decifra o engano na liderança ideológica da metrópole que enquadrava Guiné-Bissau e Cabo Verde somente como parte do território de Portugal fora da Europa. Então, a ideologia que o deixava revoltado o contemplou com uma bolsa de estudos no Instituto Superior de Agronomia, pois como engenheiro agrônomo teve a certeza de que poderia ajudar o povo cabo-verdiano que passava fome por causa da seca, amenizando e resolvendo o problema agrícola (MONIZ, 2004).

3.3 INDIGNAÇÃO CONTRA A EDUCAÇÃO COLONIAL

Com espírito revolucionário, Amílcar Lopes Cabral fazia parte de espaço de reflexão e troca de informações com outros estudantes africanos como: Marcelino dos Santos e Luís Henrique, naturais de Moçambique, Agostinho Neto de Angola e Vasco Cabral de Cabo Verde. Juntos formaram um verdadeiro núcleo de estudo sobre a realidade colonial dos seus países. Debatiam sempre sobre a história e a realidade africana,

sobretudo, o que era proibido ser ensinado nas universidades em Portugal. Amílcar Cabral estava nascendo como o primeiro intelectual nacionalista dos dois países da costa ocidental africana (Guiné-Bissau e Cabo Verde) e que iria lutar em favor dos colonizados dos dois países, impondo a si mesmo serviço de inteligência olhando para o horizonte da conquista da liberdade do povo oprimido.

Assim, em 1952 concluiu o curso de agronomia, casou-se e deixando o conforto de Portugal seguiu para Guiné-Bissau, onde trabalhou como engenheiro agrônomo. Prolongando-se 28 anos que o distanciou do país em que nasceu e que não o viu crescer, agora de volta nesse solo pesa sobre ele o desafio que o aguardava. Em Pessube, ao assumir seu primeiro cargo, começou a preparar uma longa caminhada rumo ao horizonte do seu sonho que é de criar uma força: o Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), capaz de fazer frente à força opressora do seu povo. Apresentando-se como engenheiro ao seu antigo chefe que era português, chamado Senhor Ilário Lopes, esse admirou-se e caiu em perplexidade por ver à sua frente um “nativo” guineense com a formação em nível superior.

Cabral verificou as terras propostas pelo então governador para a sua atuação e regressou em seguida para uma reunião em Bissau. Antes de voltar, presenciou o desprezo, culpabilidade e maus tratos ao nativo da Guiné-Bissau, o que não é diferente em relação a Cabo Verde, onde cresceu vendo por qualquer motivo banal um africano ser submetido aos maus tratos (MONIZ, 2004).

No momento desse primeiro contato com o antigo chefe, Cabral notou que a mão direita de Lopes, escondida atrás das costas, um chicote de couro, desferindo uma chicotada em uma trabalhadora que soltou um gemido baixinho, pondo-se de cócoras e deixando cair a bacia de roupa na poeira vermelha do caminho. O agressor justificou o castigo: “Eu não te disse bruxa velha, que não saísse de casa? Por que não levaste o rádio para o ancoradouro?” (MONIZ, 2004, p. 26). Ameaçando chicotear novamente aquele corpo encolhido na terra que não demonstrou nenhuma evidencia de se defender, dando a entender ser aquele um processo normal que obrigatoriamente deveria acontecer, por direito, do colonizador.

Nesse instante, tem início a demonstração da mudança e da força a ser doravante imposta por Cabral que de pronto ordenou a interrupção do castigo, indicando assim o início da luta contra a humilhação física e psicológica dos habitantes e prontamente entendida e cumprida pelo agressor.

3.4 RELAÇÕES COM GUINÉ-BISSAU

Ao assumir seu primeiro cargo em Guiné-Bissau, identificou-se com a condição do povo guineense e recusando a cidadania portuguesa, após ter sido convencido ser português e não africano, passou a sentir-se novamente como africano, pela história da África, pela cor de sua pele e pelos costumes vividos durante a infância que Portugal tentara apagar, mas que acordara para cumprir os seus ideais de liberdade para o seu povo (SOUSA, 2011 apud LARANJEIRO, 2014).

Planejava educar as crianças, na esperança de que um dia a educação traria a dignidade humana entre os nativos e promovesse uma convivência harmoniosa entre dois povos em um país formado por 99% de seus habitantes analfabetos. As crianças, que presenciavam as humilhações sofridas por seus pais, por meio da educação, poderiam ser o elo forte da mudança do pensamento de seu povo.

Essa ideia de mudança pela educação das crianças o encorajava a aflorar cada vez mais a força da justiça incrustada em sua alma e o desafiava a olhar em direção ao horizonte que ainda não via claramente, mas o mantinha firme no sonho de encorajar crianças guineenses, cabo-verdianas, africanas e de outros países subdesenvolvidos; na esperança do futuro em que homens e mulheres fossem poupados da fome, das injustiças sociais e lutassem pelo sonho da liberdade.

Embora Portugal determinasse a tarefa de fazer o recenseamento agrícola em todo o território da Guiné-Bissau, Cabral aproveitou a oportunidade para conhecer todos os cantos daquela terra, não se restringindo apenas em catalogar o tipo de solo e cultivo nele efetuado, mas fez um levantamento de natureza sociológica e antropológica de cada comunidade, o que foi um verdadeiro trabalho de campo que lhe permitiu conhecer a manifestação cultural de cada grupo étnico, em especial, entre os

Djakanka, Braasa, Brama, Bidjugos, Baiótes, Biafadas, Fulas, Felupes, Mandingas, Mansoankas, Nalus e Tanda, durante um ano.

O fato do país ter apenas 36.125 km², permitiu o tempo suficiente para ver de perto o sistema de dominação usado pelo colonizador para cada grupo étnico. O terminar o recenseamento agrícola (1954), permitiu fortalecer amizade com centenas de pessoas em diversas regiões do país, sendo testemunha ocular dos problemas e de preocupação de cada etnia e das diferenças linguísticas do povo guineense. Cabral agora não é apenas um agrônomo, mas pesquisador, sociólogo, antropólogo e filósofo ao reunir elementos e informações colhidas diretamente entre seu povo, e passa a estudá-los minuciosamente, permitindo-lhe descobrir na prática a riqueza cultural que sempre Portugal menosprezou. Dessa riqueza cultural, descobriu o que ele chamava “realidade da nossa terra” que deve ser reconhecida. Tendo este conhecimento, elaborou teorias que lhe permitiu explicar a realidade do seu povo (MONIZ, 2004).

3.5 A TEORIA SOBRE A REALIDADE AFRICANA

Cabral entendia a firmeza na luta pela libertação da Guiné-Bissau, orientando o povo para avançar na luta seguros da realidade da pátria, com os pés fincados na terra, admitindo que não é possível fazer uma luta em condições de fragilidade e muito menos estabelecer uma luta armada sem conhecer em profundidade a realidade local e de povos vizinhos, além de dominar e avaliar as dimensões positivas e negativas com suas forças e fraquezas da militância no partido. Para Cabral, a vitória depende da maneira como o ser humano interpreta a sua realidade e interage com o mundo ao seu redor, pois é a própria realidade que determina o homem (CABRAL, 1945).

Ele adquiriu a consciência da realidade do seu povo e foi profundamente influenciado a pensar na possibilidade de transformar a realidade vivida pelo povo guineense. Como líder e dirigente de uma luta de libertação nacional, não confundiu aquilo que pensa com a realidade, porém, mostrou a genialidade em dirigir a luta de libertação nacional gradualmente, dia após dia, partindo da própria realidade do povo guineense, tomando maior cautela em mensurar planos, respeitando a realidade e não aquilo que o seu imaginário desejava, dando importância a ouvir os outros para não criar

problemas na luta de libertação do povo da Guiné-Bissau e da África. Em resumo ele assim se expressou:

Eu posso ter a minha opinião sobre vários assuntos, sobre a forma de organizar a luta, de organizar um Partido. Mas não posso pretender organizar um Partido, organizar uma luta de acordo com aquilo que tenho na cabeça [...]. (CABRAL, 1945, p. 29)

Para Cabral, conhecer a realidade concreta é não pretender, por exemplo, cair no erro de organizar a sua luta partindo do princípio Francês ou de qualquer país da Europa, ou mesmo da Ásia. Por isso, optou por começar passo a passo, adequando-se as mudanças que fossem necessárias à realidade exigida. Soube se infiltrar no começo da luta, para mobilizar os funcionários do governo português em Bissau, Bolama e em Bafatá, incentivando-os a promoverem protestos nas ruas, contra a então administração portuguesa, exigindo melhoria de vida e concessão da independência tanto para os nativos bem como para os portugueses.

Por outro lado, percebeu que em Guiné-Bissau os trabalhadores não têm tanta força como em outras terras, sobretudo, no ponto de vista econômico, uma vez que a economia do país é de subsistência. Compreendeu o nível do entendimento político da massa popular em relação à consciência política e em relação ao interesse imediato, o que o fez não estimular o povo a parar com as atividades agrícolas que cultivavam produtos explorados pelos colonialistas.

Sabia que os colonialistas desrespeitariam qualquer greve e as manifestações na zona rural, respondendo com toda violência. A força exercida pelo sistema imposto ao povo deveria ser combatida por pessoas selecionadas e preparadas para essa tarefa, além disso, essas pessoas deveriam possuir inteligência em considerar o nível de cultura do inimigo com quem iriam lutar para garantir o sucesso da sua luta.

À medida que adquire maturidade, iniciou a luta armada, mesmo sabendo que ainda não tinha armas e homens capazes de responder a força colonial de forma adequada; e adotou a tática da guerrilha com pouco mais de 200 quadros reunidos em pequenos grupos para evitar uma tragédia. Soube analisar e considerar em cada caso concreto a realidade da Guiné-Bissau no que diz respeito aos seus grupos étnicos. Para não

repetir erro grave na análise antes da luta, tomou bastante atenção em relação às condições de vida do povo braassa, fula, mandinká, bissaó aos pequenos burgueses, aos trabalhadores assalariados, empregados de balcão, empregados do porto, aos descendentes de cabo-verdianos e analisou qual a posição de cada um na luta.

Apesar da cautela, reconheceu o erro em não considerar a situação dos chefes tradicionais e principalmente dos régulos (fulas e manjacos). Partindo do princípio de que esses haviam sido derrotados na luta contra o sistema colonial na “guerra da resistência” esse era um desestímulo para uma nova investida. Explorou as diferenças existentes entre comportamento dos anciões mandingas para lidar com eles, diferentemente dos anciões braassa. Observou que a luta em Gabú no leste e no sul do país, pareciam diferentes considerando a realidade de pensamento em cada grupo.

Sabia lidar com culturas onde os homens não queriam se reunir com as mulheres, embora não tentasse convencê-los de não aceitar essa ideologia preconceituosa. Tinha amplo conhecimento e consciência da realidade geral da Guiné-Bissau, das coisas e do povo, para orientar a luta corretamente. É neste âmbito que aconselhava os responsáveis ou dirigentes do partido a consolidar o trabalho de militância no ideal de Cabral e se responsabilizar pelo respeito à realidade e nunca entender que a verdade é aquilo que se tem em mente. Apesar disso ele reconhece que muitos dirigentes do PAIGC agiram irresponsavelmente na luta, considerando a realidade do ponto de vista isolada para genérico, e que mesmo um fato real não pode existir sozinho não podendo ser isolada de outras realidades sem desencadear outras influências e ações (CABRAL, 1945).

Cabral foi um pensador brilhante sobre sua própria realidade antes de integrar com outras realidades agindo sempre como integrante num exército do PAIGC e em conexão na luta do povo da Guiné e de Cabo Verde, onde orientou os guerrilheiros durante onze anos na guerra contra os colonizadores. Cabral, olhando além da sua realidade, desenvolveu a consciência de se preocupar com a realidade dos outros; todas as regiões deveriam obter êxito na luta, o fracasso de uma região poderia se refletir na perda de regiões já conquistadas. Sempre abrangente, dizia que guineense e cabo-verdiano deveriam lutar lado a lado na busca da independência, lembrando de

ter um inimigo em comum com os povos de Angola, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e com povo de Moçambique e a desunião de qualquer região poderia fortalecer o inimigo com perda das conquistas.

Como estrategista intelectual da guerrilha, alarga mais suas convicções que mesmo lutando em todas as colônias portuguesas e ganhar a independência, se o racismo continuar na África do Sul, os colonialistas permanecerão em muitos países da África, fracassando a independência com retorno a escravidão, e isto fortaleceu o empenho de Cabral na luta do conjunto dos povos contra o imperialismo, o racismo e contra o colonialismo sem limites fronteiriços. Cabral se preocupava com os africanos que ocupariam o poder no país depois da liberdade. Na Mauritânia, Cavo Verde e África de Sul, colônias britânicas e portuguesas, haviam campanhas de difamação, pelo rádio, para desmoralização e desestabilizar as ações do PAIGC, pois havia interesse no controle do Oceano Atlântico por Inglaterra e Portugal para servir às colônias em seus poderes (CABRAL, 1945).

3.6 A REALIDADE GEOGRÁFICA

Em relação ao aspecto geográfico, Cabral explorou a geografia da Guiné-Bissau (36.125 km² de superfície) e de Cabo Verde (um arquipélago composto por 10 ilhas, no oceano atlântico), sendo a Guiné-Bissau nove vezes maior que Cabo Verde. A região apresentava uma topografia plana, intercala por colina, com no máximo 300 metros de altura, que permitiram a movimentação dos guerrilheiros com vantagem estratégica contra o inimigo (CABRAL, 1945).

Havia facilidade de movimentação espacial e desferir golpes aos quartéis do inimigo, além de impedir o abastecimento de armas e mantimentos, mesmo não tendo total domínio de braços de mar e de rios. E esse domínio exigia novos pensamentos e formas de lutas, embora a luta fosse favorável aos guerrilheiros do PAIGC, não obstante, os portugueses tivessem navios, aviões, jatos e helicópteros, onde os rios propiciavam vantagens aos conquistadores no início da luta; as montanhas foram importantes na defesa, apesar de as armas serem importantes pontos de apoio (CABRAL, 1945).

3.7 A REALIDADE ECONÔMICA

A economia da Guiné-Bissau revela a situação política a que o país é submetido pelo colonizador, explicando o atraso econômico, uma vez que, o colonizador subtraiu a riqueza do país, incluindo o trabalho do homem nativo para enriquecimento da metrópole (Lisboa), além de não promover nenhum esforço para a implantação de indústrias, melhorias na agricultura, em estrutura física e que somente a guerrilha poderia minorar o atraso vivido a séculos pelo povo (CABRAL, 1945).

Havia uma fábrica de conserva de peixe pertencente a Portugal que explorava a mão de obra dos nativos, pagando cinco tostões a hora trabalhada, caso houvesse muito peixe. A situação econômica foi usada por Cabral para estimular o povo a lutar, indicando as possibilidades da criação de fábricas e acordos para atrair multinacionais para exploração de produtos naturais, como petróleo e bauxita (CABRAL, 1945).

Acreditava que a luta deveria ser exclusiva do povo, sem ajuda externa que poderia futuramente gerar dependência dos aliados. Desta forma, reforçava a necessidade de fortalecer a educação, para capacitar o povo a gerenciar os próprios destinos depois da independência de Portugal (CABRAL, 1945).

3.8 A REALIDADE POLÍTICA

A realidade política representa o domínio da colônia portuguesa sob o comando dos tutas que viviam em conflito com os nativos, sendo esse o ponto principal de estímulo a luta para a libertação, com objetivo maior de transformar a realidade política e suspender o atraso imposto pelo regime salazarista. Pretendia proporcionar educação, construir fábricas, pontes, barragens e investir no turismo. Para que tudo isso se tornasse realidade era necessário vencer a exploração dos colonizadores e de nativos que exploravam nativos, o que era uma preocupação, por não se tratar de um ideal comum na distribuição dos bens (CABRAL, 1945).

Embora na visão de Cabral não existisse diferenças de classes na Guiné-Bissau que pudessem colocar seus bens em favor da revolução, como ocorreu na revolução

chinesa e cubana onde muitos capitalistas aplicaram seus bens na revolução de forma séria em busca de um ideal comum, esta seria uma vantagem pois evitaria problemas de divisão do ponto de vista social, já que a realidade social influencia a realidade política dentro dos grupos étnicos. Frisa que a individualidade étnica pode ser uma fraqueza grande numa luta. Pregava que a ideologia étnica não contribuía para a coesão em uma luta, exibindo fragilidades permissivas de vitória ao inimigo. Deixou claro que enquanto os africanos não ultrapassarem os conflitos tribais, não adianta reclamar do jugo estrangeiro (CABRAL, 1945).

A preocupação com os sucessores depois da independência se baseia na exploração de um líder oriundo dos nativos para continuar a exploração do seu povo, pelo desejo da posse de ouro, diamantes, vida luxuosa e obtenção de prestígio entre os antigos colonizadores, sendo a ambição desse líder pior que a do colonialista. Durante o conflito, existiam radicais que não aceitavam a ajuda de portugueses e de povos brancos, mas Cabral condenava esses arrogantes, sustentando que se os guineenses quisessem servir a sua pátria, deveriam aceitar a ajuda dos portugueses e de outros brancos que entendessem o objetivo da luta para independência da Guiné-Bissau, Cabo Verde e da África como um todo; porque a luta se faz através de amigos, companheirismos e ajuda interna e externa reciprocamente. Criticou que um líder que afirma o “não depender dos brancos é sinônimo de independência”, é aquele que não entendeu, ainda, o real objetivo da luta, e que esse “líder”, em sua essência, deseja servir ao seu próprio interesse (CABRAL, 1945).

A realidade atual em comparação ao passado mostra que as divisões internas e o complexo de inferioridade e as lutas étnicas diminuíram, mesmo com a maioria da população vivendo no analfabetismo. Isso indica que é possível sonhar com o progresso e desenvolvimento humano, impondo reflexão sobre a autodeterminação e a autonomia de cada povo de escolher e ter o seu destino nas mãos, embasando sua luta nas leis internacionais e zelando pela autonomia dos povos no mundo, encorajando o avanço da luta pela autonomia.

Dessa forma, Cabral aproveitou cada dia de sua luta para buscar apoio de armas, munições, roupas, medicamentos, hospitais e tudo mais que necessitou em benefício

do povo. Esta postura suscitou a admiração de vários líderes mundiais, sobretudo, quando consegue formar quadros médios e superiores em maior número por menos tempo em relação ao sistema colonial que durante séculos negligenciou a educação dos nativos. A necessidade em transformar a realidade, a experiência, a força, o sacrifício e esforço guineense em uma potência, se conjuga com a necessidade de conhecer a experiência das outras realidades a fim de utilizá-la como conjunto capaz de transformar de fato a realidade do seu povo marginalizado.

3.9 O PAIGC E A LUTA

Logo depois da chegada a Guiné-Bissau, em 1952, Cabral inicia a ação política, organizando um Clube Desportivo e Recreativo, incluindo biblioteca reservada exclusivamente a todos os guineenses. A proposta não agradou ao governador e às demais autoridades coloniais portuguesas que o acusaram de subversão, como evidenciado no texto abaixo:

O Eng.º Amílcar Cabral e a sua mulher comportaram-se de maneira a levantar suspeitas de atividades contra a nossa presença nos territórios de África com exaltação de prioridade de direitos dos nativos e, como método de difundir as suas ideias por meios legalizados, o Eng.º pretendeu e chegou a requerer juntamente com outros nativos, a fundação de uma agremiação desportiva e Recreativa de Bissau, não tendo o Governo autorizado. (MELO, 2013, p. 25)

Assim, o governo de Portugal na Guiné-Bissau o convida, em 1955, a abandonar definitivamente a Guiné-Bissau, acusado de subversão e de difundir perigosas ideias independentistas. Cabral abandona sua família e seu povo obtendo autorização para voltar ao país para visitar a família quando o governo permitisse. Longe de casa, não se apagaram as memórias do território guineense e sua ideologia política amadureceu. Ultrapassando barreiras impostas pelo então sistema colonial, tornava-se essencial avançar para ação concreta, que se deu com a criação do PAIGC (ARANHA; FERREIRA, 2011).

Mesmo não tendo muitos apoiadores na cidade, conseguiu suporte na unidade agrícola experimental de Pessubé e de muitos chefes tribais, camponeses e dos anônimos por todo país. Nestas condições de multiplicação de contatos, união e de sensibilização política, sentiu que era a hora de nascer uma força antagônica à do

administrador português, mas antes de sua iniciativa em 1955 surge o MING (Movimento Nacional para a Independência da Guiné) incitado por José Francisco Gomes e Luís da Silva “Tchalumbé”, que não vingou (ARANHA; FERREIRA, 2011).

Com a dissolução do MING, o caminho se abriu para criação do PAIGC; o que ele realizou na primeira visita autorizada com intuito de rever a família, onde dirigiu a reunião histórica que se imagina ter acontecido a 19 de setembro de 1956, quando fundou o Partido Africano da Independência (PAI) que viria unir os povos da Guiné e de Cabo Verde. Além de Cabral, participaram Aristides Pereira, Luís Cabral, Fernando Fortes e Júlio de Almeida (ARANHA; FERREIRA, 2011).

Até 1960 o partido viveu no anonimato, porque Cabral sabia que para lutar contra o colonialismo precisava dos meios concretos para seu sucesso. Precisava gerar meios ligados a base que ele referia como: “A raiz e o tronco, que dá outros ramos para o desenvolvimento da nossa luta.” (CABRAL, 1945, p. 104)

Surgiu a seguinte pergunta: porque criar um partido e não movimentos como muitos o fizeram em outros países africanos? Para responder essa pergunta, voltou a olhar para o que conseguiu catalogar do seu estudo em relação à história do povo criando um olhar científico, onde percebeu que o povo guineense tem história, sociedade organizada, economia e cultura que são reais e envolvidas pela realidade maior que é a própria terra e, portanto, vale à pena criar um partido para lutar e libertar todos esses valores que estão em causa. “Porque se for apenas movimento, um dia esse movimento terá que acabar. Mas um partido, continuará.” (CABRAL, 1945, p. 104)

Cabral jurou para si mesmo que nunca ninguém o mobilizaria para trabalhar contra o seu povo, que daria a própria vida, toda a energia, toda coragem e capacidade que possa ter como homem, até o dia em que morrer, ao serviço do povo, na Guiné e Cabo Verde e ao serviço da causa da humanidade, para dar a sua contribuição, na medida do possível, para a vida do homem se tornar melhor no mundo. Para isto, cuidou primeiro de conhecer as divergências étnicas e de unir o povo, sendo esse o primeiro princípio do PAIGC (MENDY, 2005 apud LARANJEIRO, 2014).

Um dos lemas do PAIGC era de que toda gente tem que lutar, seja quem for, e isto fez com que muita gente se afastasse do partido por perceberem que aproximar do PAIGC, adentrar e lutar na rádio convencendo o povo, não significa garantia de nenhum privilégio futuro na ocupação de cargos políticos. Por essa razão, os oportunistas que residiam fora da Guiné-Bissau ou de Cabo Verde, como os residentes de Dakar, por exemplo, não se aliaram ao partido com receio de serem colocados na linha de frente, devido à intensificação dos combates (CABRAL, 1945).

A sua filosofia de guerra era, portanto, de eliminar a pretensão de alguém pensar em ficar no gabinete sem se sacrificar como soldados que estão na linha de frente do combate. Mais tarde, Cabral percebeu que a luta se torna complexa, sobretudo, quando ela completa sete anos de combates intensos no sul da Guiné-Bissau, com pessoas que nunca saíram da zona libertada para entender o que acontece no centro urbano e, por outro lado, líderes que se encontravam no Bureau político do partido ou em qualquer outro lado, estavam desatualizados e não valorizando os que estavam lutando na linha de frente (CABRAL, 1945).

Percebendo esse problema no partido, pôs-se a ajustar e a corrigir os erros, promovendo mudanças em todas as frentes da luta, mostrando que não era verdade ninguém pensar ser superior ou mais privilegiado que outro. Convocou o Congresso de Cassacá no sul da Guiné-Bissau, em 1964, e eficientemente explicou aos seus comandados que para dirigir a guerrilha e para lutar existem regras a serem seguidas; além de programas de ordem maior do partido que servem de bússola orientadora ao rumo certo que não devem ser ignorados (CABRAL, 1945).

Puniu exemplarmente os abusos cometidos no meio da população e maus hábitos adquiridos por alguns líderes que se sentiam superiores aos combatentes, negando com veemência a negligência dos dirigentes do partido, alertando a todos a estarem a par de todos os acontecimentos, fora ou dentro do território nacional. Nesse contexto, Cabral além de firme foi um líder com sabedoria, sabendo conduzir de modo flexível e rígido quando necessário os acontecimentos e os episódios que ocorriam dentro e fora do partido (CABRAL, 1945).

Pautado nessa conduta, determinou que todos os dirigentes e quase todos os responsáveis do partido participassem de missões dentro e fora do país, a fim de adquirirem formações teóricas e experiências práticas, evitando, assim, a ociosidade, prepotência e, principalmente, a ignorância dos líderes. Porém, manteve alguns militantes e quadros formados fora do país por longo período de tempo, de acordo com tipo de trabalho, formação e demandas do próprio partido (CABRAL, 1945).

Fundamentou que sair ou ficar no país não é aleatório, mas baseado na necessidade da luta. E no seu caso como dirigente, tinha que sair como líder para responder pessoalmente às demandas da luta em conferências, nos encontros com chefes de Estado ou com dirigentes de outros partidos do mundo, o que representa para Cabral e seus colaboradores próximos uma atuação decisiva para a manutenção da luta pela liberdade (CABRAL, 1945).

A enorme força de Cabral, no entanto, é a convicção de que não há uma operação importante na guerra em que é protagonista principal, ou trabalho político importante que ele não conheceu ou estudou; não existindo, portanto, uma mudança séria no plano político dentro da luta armada que não fora averiguado minuciosamente por ele, embora tendo limitação de homens academicamente instruídos para ajudá-lo nas tarefas. Lamenta o fato de não poder estar em todo o lado ao mesmo tempo, fazendo questão de dedicar mais tempo possível a um dos pontos sensíveis da guerra, que é aproximar-se dos combatentes e militantes na linha de frente.

Se para Cabral a luta consiste em lutar fora e dentro da Guiné e Cabo Verde, esse princípio deve ser ligado ao de lutar sem corridas, lutar por etapas, desenvolvendo a forma de lutar progressivamente, sem fazer grandes saltos (luta fracionada); lembrando que a luta foi feita sem projeto definido, iniciada sem Bureau Político, sem Estado Maior, sem criação de um exército de libertação nacional, começando a luta como quando se lança uma semente de planta à terra, espera nascer e crescer, até florir e produzir frutos. Esse foi o caminho da luta, que exige a Cabral trabalho de alertar que a luta fracionada não significa procurar comodidade à medida que cresce a responsabilidade, e muito menos usar a responsabilidade para cometer erro.

Corajosamente, Cabral isolou e colocou de lado os que não entenderam o propósito da batalha, mesmo fazendo falta ao PAIGC, não abriu mão de suas convicções e do seu ideal de que jamais se pode permitir que a luta avançada, com sacrifício e com várias perdas humanas, seja em vão (CABRAL, 1945).

Soube reconhecer os próprios erros, repará-los e responsabilizar quem quer que seja a reparar o dano causado ao partido e ao povo, acreditando que a luta pode ser um elo, revelando as qualidades e valores; também, a luta pode dividir revelando a má qualidade de pessoas inseridas no grupo, por esse motivo, cada líder ou soldado deve ponderar os seus atos. Denuncia que a luta protocolada, está a fazer a seleção, a revelar quem é que enquadra no padrão moral e de justiça que são almejados.

Relembrou que muitas verdades já se revelaram entre vários líderes do PAIGC, e no esforço para não repetir os erros acidentais, deu chance aos que demonstraram desejo de mudança e repudiou aqueles que manifestavam medo em denunciar os erros cometidos por alguns dirigentes do partido, porém, mantinham obediência a esses por temor. A consciência de justiça lhe convence que bons dirigentes devem ser justos, responsáveis, capazes de fazer melhorias ao partido, com a certeza de encher de orgulho a direção do partido quando estas ações forem desveladas.

Para Cabral, os acontecimentos nessa fase da luta, tanto nos momentos bons quanto nos ruins, devem ser pautados pela virtude em que cada um avança de cabeça erguida, ao serviço do partido, convicto de que a luta já traçou o caminho firme, sem volta, onde a disposição de cada cidadão deve ser de se doar em todo sentido, sem exigir nada, a não ser respeito, dignidade e oportunidade para servir ao povo.

Lembrou que a luta por etapas, alguns mensuravam que a luta avançaria e logo para chegar em Bissau, dar-se-á de forma duradoura, e todos devem lutar para receber a independência amanhã, depois de amanhã ou daqui há seis meses; porque sabe-se que o inimigo está sentindo a força nova que é impetrada pela guerrilha, mas se a independência não vier imediatamente, o povo e o PAIGC devem manter os espíritos preparados para uma luta mais longa, treinando novos homens capazes de dar continuidade ao sonho de liberdade, se for necessário.

Ao mesmo tempo, no plano acadêmico, para assegurar o trabalho de construir o progresso que partido e o povo merecem, a força jovem deve sentir-se na obrigação de substituir os mais velhos e não retroceder, estudando sempre. Expressa seu espírito patriótico convicto de que se os soldados portugueses estão dispostos a lutar vinte anos em Guiné-Bissau e em Cabo Verde, o PAIGC, a guerrilha e o povo devem estar dispostos a lutar vinte anos e meio; o que não significa apenas espírito patriótico, mas sim, obtenção da consciência do povo que conhece seu direito e está disposto a sacrificar-se mais do que o agressor.

Contudo, Cabral demonstra sua preocupação com preconceito de todo gênero que a luta e o PAIGC tem que enfrentar, afirmando que para progredirem o PAIGC e seus militantes exigem uma direção segura, unida e consciente e que os próprios militantes são responsáveis para criar essa nova realidade.

Havia necessidade de criar uma nova força e de colocar homens e mulheres mais conscientes para dirigi-la, sem questionar sua origem, apenas olhar para pátria, o partido e o seu desejo em transformar a nação; o que significa estar debaixo da bandeira de um partido. Passam à frente e dirigem aqueles que tem consciência de união, e não se pode cometer o erro de trair valor e a essência sagrada de um povo, que são seus filhos valiosos, por causas de preconceitos étnicos.

Cabral definiu como princípio que os melhores filhos da nossa terra devem dirigir o nosso Partido, o nosso povo; e para descobrir quem são os melhores, deu oportunidade para pessoas que eram simples recrutas nos campos de preparação militar, funções de membros de comitês inter-regionais ou dirigentes das forças armadas, onde alguns demonstraram empenho.

Em apenas três anos da declaração de luta armada aos colonizadores, mostrou amadurecimento em relação à gestão consciente da direção do partido, indicando que os melhores filhos da “nossa” terra é que têm que dirigir. Mas, é difícil no início saber quem é o melhor; porém, seguindo o princípio de confiabilidade, revelou habilidades e qualidades de vários homens, incumbindo-lhes a responsabilidade.

Cabral se convence de que não é possível afirmar que no partido todos tiveram a mesma oportunidade de exercer a liderança, pois para que todos liderassem, não teriam liderados. Além disso, a formação e a demonstração de iniciativa, entusiasmo e dedicação de cada militante nunca são iguais, e essas qualidades em conjunto são decisivas para o avanço pessoal. Cabral fez o máximo para ser justo em relação aos que realmente mereciam avançar pelos seus próprios esforços, e não pelas aparências ou por serem manipuláveis na conjuntura das funções que exerciam.

Em hipótese alguma aceitou tentativa de submeter pessoas a condições desumanas, fazendo com que uns realizassem serviços para outros; exibindo sua ideia e convicção libertadora de não admitir subjugados e nem sujeito subjugador, que pensa ter direito a servidores para serem manipulados. Na sua concepção, a liberdade plena deve ser vista em sua totalidade por homens conscientes, capazes de erguer cabeças diante de qualquer um e discutir com respeito, como deve ser. Lutou duro contra a tendência de dirigentes e de responsáveis que tentavam desviar deste princípio, querendo impor aos que estão abaixo de suas ordens a obediência a qualquer custo.

Além de combater as atrocidades do inimigo, defrontou no próprio espírito dos seus liderados a mania de deixar outros tomarem responsabilidades no seu lugar; assim, Cabral revela sua qualidade enquanto revolucionário e educador aos liderados, ensinando-os a serem responsáveis. Cabral, ainda, encontra outras dificuldades, particularmente em relação aos que ignoravam a presença de mulheres na liderança e faziam o máximo de esforço para evitar que elas ocupassem posição de líder, mesmo existindo mulheres tão, ou mais, competentes e eficientes quanto os homens.

Lamenta o fato de algumas mulheres não possuírem sabedoria de manter respeito e dignidade necessária para defender suas posições, como pessoas na função de mando, caindo em tentações sem refletir na responsabilidade dos seus atos; outras, admitem, ainda, complexos de inferioridades favorecendo as convicções errôneas dos homens em persistirem a inferiorizar a mulher. Afirma Cabral (1945, p. 110), “Há homens que não querem entender que a liberdade para o nosso povo quer dizer liberdade também para as mulheres”, ou seja, não se pode excluir as mulheres do processo da soberania na Guiné-Bissau e nem em Cabo Verde.

Propõe sua ciência de que a força do partido vale mais na medida em que as mulheres são expressivamente firmes a exercerem, ao lado dos homens, qualquer função. Deixando claro que a mulher como líder não deve ser compreendida como um desejo pessoal de Amílcar Cabral, mas de todos aqueles envolvidos na mudança que ainda há de acontecer na Guiné-Bissau e em Cabo Verde.

Combateu o egoísmo e o nepotismo dos que, durante longo tempo no poder, se sentiam insubstituíveis e não admitiam que novos e bons combatentes pudessem substituí-los, atitude que ele entendia como o afogamento e suicídio do partido; já que, sem haver um sucessor a força do partido declinaria. Cabral adverte, então, que a força do partido só existe se os dirigentes forem capazes de aceitar a substituição.

Externa o seu sentimento de que a maior felicidade que tem é de ver um homem ou uma mulher a cumprir o seu dever com consciência e boa vontade, sem esperar que seja estimulado (a) a fazer o que tem que fazer, afirmando que essa atitude lhe serve de incentivo; e que lhe oferece a certeza de que o PAIGC possui capacidade de vencer e de liderar o futuro destino da Guiné-Bissau e de Cabo Verde sem problemas.

Estimulou a amizade, respeito e carinho para com aqueles que cumprem seus deveres, pois via valor inestimável no procedimento coerente, ético e moral de um líder que apoia um/a menino/a esperto/a, e que demonstra vontade de estudar para ser enfermeiro/a, professor/a, um/a bom/a miliciano/a, ou qualquer outra coisa. Ajudar jovens a conquistar sonhos de homens de futuro é negar atitude imoral que põe em causa a formação de vários jovens que sonham em estudar, porém sem incentivo.

Era inadmissível causar estrago ao futuro na nação, ao se manter a ignorância das crianças e dos adolescentes por parte de um líder que se aproveita da autoridade que o partido lhe põe nas mãos para arranjar o/a seu/a doméstico/a, casamento ou amante. Assim, a persistência desse comportamento entre líderes nativos fragilizava a luta pela liberdade e ratificava a posição de dominação do colonizador português e de outros inimigos dos povos africanos. Cabral afirma que é inegociável ter consciência disso e se postulou como filósofo, revelando seus altos valores morais de

que não se deve abster dos conceitos tais quais a coerência, a ética e a moral ao dirigir a sua almejada mudança.

Diligenciando na preparação de jovens guineenses que iriam conduzir os destinos do novo país depois da libertação, chamava a responsabilidade aos militantes ou responsáveis novos do partido a tomarem consciência dos acontecimentos no ceio das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), solicitando-os a trabalhar com ímpeto de servir ao partido e não procurarem viver uma vida de luxo, objetivando acertar na missão histórica que é a de serem condutores e responsáveis pelo partido.

Apontava com orgulho o respeito que as FARP e o partido inspiravam como esperança na mente de povos da África e do mundo. Alertava sempre que o momento não era de servir aos vícios e às conveniências pessoais, porém de ser vigilante contra os oportunistas que estavam em qualquer canto, capazes de fazer movimentos que visavam demolir a estrutura que a luta construiu até aquele momento.

Exaltava aqueles que eram corajosos e capazes de denunciar frente a frente os erros de quem quer que seja, pois o silêncio comprometeria todo trabalho e sacrifício coletivo. Para Cabral, era necessário desmascarar os oportunistas, os mentirosos, os medrosos e todos aqueles que insultam a posição do partido. A coragem e a responsabilidade devem embalar cada jovem ou qualquer dirigente do partido para que, no aspecto da defesa, haja unanimidade para dirigir o partido.

Ensinou que em qualquer nível, na ação política ou nas forças armadas, na segurança ou na instrução, deveria haver uma direção coletiva e nunca exibir tendência de monopolizar qualquer que seja a direção, tomando decisões sem consultar a opinião de líderes de outras direções. Advertia que um líder sábio deveria lembrar que a sabedoria reside em considerar que duas cabeças refletem melhor que uma só, mesmo que uma delas seja esperta e a outra nem tanto. A direção coletiva, dirigir em grupo, na concepção dele, não significava dizer que todos têm que ser líder, pois existem certos trabalhos que quem não sabe ler nem escrever não pode fazer.

Reforça, ainda, que mesmo alguém tendo instrução, deve saber que há tarefas que exigem nível ainda maior de formação, além disso, é preciso respeitar a hierarquia; embora reconhecesse que nem sempre a hierarquia tenha sido respeitada, essa é uma condição que se impõe para o sucesso da luta.

Cabral se revezava o tempo todo entre diligenciar e ensinar seus homens, dando foco num corpo hegemônico e sem divisão; lembrando para quem estivesse falando na direção superior do partido, fazê-lo de modo a atingir o comando de comitê inter-regional e comitê da zona do partido, levando em conta a divisão geográfica do território guineense. Naquele período da luta, entre 1960 e 1973, foram divididas as frentes de combate ao colonialismo em zonas sul, leste e norte. Elucidou que todas as divisões em zonas não devem voltar às costas umas às outras, e que a falta do entendimento entre líderes deve ser resolvida para não comprometer este processo.

Apontou que o único com quem deve-se desentender é o colonialista e não entre nós e as ambições, mentalidade de egoísmo, intrigas, falta de coragem e postura de manias, não devem permitir prejuízo e falta de atenção à luta. Aos responsáveis pelos trabalhos regionais, adverte que convém a cada membro saber quão importante é o trabalho regional que deve manter o povo local com entusiasmo; e que um comissário político de uma área não deve falhar na aplicação de sua autoridade sem desconsiderar a direção a que estiver alinhado, pois estão na luta para acabar com o sofrimento do povo. Um verdadeiro herói em uma luta deve ter seu pensamento ligado ao sofrimento dos outros, fazendo tudo para ajudar amenizando a fome, calor, proporcionar habitações dignas, ajudar a realizar os sonhos e não importar com problemas pessoais em primeiro lugar. Cabral entende que assim devem ser todos os dirigentes, responsáveis e militantes do partido, ao serviço da liberdade e do progresso do povo guineense (CABRAL, 1945).

3.10 A INFLUÊNCIA IDEOLÓGICA DE AMÍLCAR LOPES CABRAL

Do ponto de vista de estratégias políticas e culturais, é inegável que a Amílcar Cabral criou seus fundamentos teóricos como líder da luta da independentista da Guiné-Bissau, conhecendo a realidade do seu próprio povo e percorrendo vários países

africanos e de outros continentes com o sonho de ver os territórios colonizados livres do jugo imperial. Não se espelhou em ninguém para encontrar o seu próprio caminho; ou que a África imprimisse valores de outros povos para afirmar seus valores sociais e culturais. Por isso afirmou:

[...] por mais bela e atraente que seja a realidade dos outros, só poderemos transformar verdadeiramente a nossa própria realidade com base no seu conhecimento concreto e nos nossos esforços e sacrifícios próprios. [...] infelizmente ou felizmente, a libertação nacional e a revolução social não são mercadorias de exportação. (FILHO, 2014 apud CABRAL, 1945, p. 73)

Dado a essa convicção, Cabral acompanhou e deu sugestões sobre vários movimentos anticolonialistas na África. Agregou todo este cabedal durante anos de trabalhos tanto na Guiné-Bissau, como em Angola, anos decisivos que lhes renderam o maior conhecimento das realidades africanas. Essas experiências e os conhecimentos adquiridos, somadas às correntes ideológicas, políticas e culturais impactaram o mundo na metade do século XX, incluindo o marxismo-leninismo, a negritude e o pan-africanismo que, com certeza, funcionaram como propulsores e que permitiram a Cabral edificar e desenvolver o seu projeto político cultural, adequado ao contexto da Guiné-Bissau. A influência de outros líderes mundiais se fez presente na vida política de Cabral. Ele foi, de certa forma, pseudo marxista na sua teoria para efetuar a leitura da sociedade colonizada, com base no materialismo histórico e dialético, onde o conhecimento do processo histórico assume um papel central e se percebe em Cabral (FILHO, 2014).

Analizou o método dialético (materialismo histórico e dialético) de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), para explicar as importantes mudanças ocorridas na história. Neste ponto, pode-se dizer que a influência do marxismo foi de singular importância para Cabral, uma vez que, pretendia refutar qualquer teoria que deixasse de fora da história mundial os povos que haviam sido dominados (MARX; ENGELS, 1996; FILHO, 2014).

Cabral espelhou-se ainda na corrente ideológica de sua época – o Leninismo, que influenciou muito o pensamento dos revolucionários naquele tempo. Reconhece o valor e o caráter transcendental do pensamento e da obra humana, política, científica cultural e histórica de Vladimir Litchn Lenine como fatos universalmente

reconhecidos. Até mesmo seus fervorosos inimigos políticos reconheceram a situação dedicada de Vladimir Lenine na causa da revolução, e admirá-lo como um filósofo e um sábio cuja grandeza só é comparável a dos maiores pensadores da humanidade.

Afirmava Cabral “para os movimentos de libertação nacional, cuja tarefa é fazer a revolução modificando radicalmente, pelas vias mais adequadas, a situação econômica, política, social e cultural dos seus povos.” (FILHO, 2014 apud CABRAL, 1945, p.89). Nesse sentido, era visível a paixão de Cabral em relação às ideias de Lenine, o pensamento e os feitos que o guiariam durante todo o processo da luta pela independência da Guiné-Bissau como líder do PAIGC, adotando rigorosamente doutrinas leninistas. A forma carinhosa com que o PAIGC e Cabral prestavam atenção às crianças guineenses, que ele considerava “as flores da nossa luta e a razão do nosso combate”, inspirado no líder da ex-URSS que Cabral via como uma figura lendária por defender seres delicados, crianças, incompreendidos e vítimas inocentes da exploração do homem pelo homem: “*A esperança e a certeza do triunfo de uma vida de justiça.*” (CABRAL, 1945, p.90)

A preocupação de Cabral com as crianças pode ser uma influência vinda de Lenine. Isso motivou o desenvolvimento do programa de alfabetização para as populações das zonas libertadas pelo PAIGC, oferecendo atenção especial para crianças como futuro do país. O próprio sistema colonial atuou como agente influenciador para Cabral, pois ele analisou que o colonialismo é o resultado de um processo histórico, cuja missão histórica falhou quando foi aplicado aos territórios colonizados.

Entendeu que o impacto do colonialismo foi positivo para o colonizador, pois lhe permitiu a acumulação de mais valia, o desenvolvimento social e econômico; para o colonizado, resultou na “paralisia e estagnação” do processo histórico e uma profunda desestruturação social, e que os africanos precisavam lutar para acabar com esta estagnação. Por isso, Cabral desejava se distanciar do domínio ideológico hegemônico, mas mantendo algumas das suas categorias. Insistindo na ideia que o PAIGC não tinha nenhuma filiação ideologia com o marxismo-leninismo, rejeitava o “modelo do partido comunista”, e isto motivou a mudança de seu nome, passando a usar o pseudônimo Abel Djassi. Que a natureza fascista do governo português e a

condição jurídica da quase totalidade dos africanos da Guiné-Bissau não permitia (FILHO, 2014 apud DUARTE SILVA, 1997, p. 31).

A dedicação e o entusiasmo de Cabral para lutar pela libertação do seu povo era tão grande que ele fez o seguinte juramento:

[...] jurei a mim mesmo que tenho que dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que posso ter como homem, até ao dia em que morrer, ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo Verde. Ao serviço da causa da humanidade, para dar a minha contribuição, na medida do possível, para a vida do homem se tornar melhor no mundo. Este é que é o meu trabalho. Nós queremos que tudo quanto conquistamos nesta luta pertença ao nosso povo e temos que fazer o máximo para criar uma tal organização que mesmo que alguns de nós queiram desvira as conquistas da luta para os seus interesses, o nosso povo não deixe. Isso é muito importante. (PROJETO GUINÉ-BISSAU CONTRIBUTO, 2010)

O líder cubano Fidel Castro, ao seu modo, deixou reflexões às várias entidades em toda parte do mundo. Sobretudo, aos nacionalistas, inspirou exemplarmente a firmeza de liderar perante cruel arrogância do sistema dos imperialistas dos países ocidentais que sucatearam os povos explorados, o que não conseguiram fazer em Cuba. Castro era intransigente em relação à questão da defesa da soberania que defendia sob palavra de ordem "Nenhum Direito a Menos" e, por outro lado o líder cubano numa frase simples definia a barbárie que já mais toleraria: "As bombas podem matar os famintos, os doentes, os ignorantes, mas não podem matar a fome, as doenças, a ignorância". Ou seja; a fome, as doenças e a ignorância representam a barbárie que deve ser combatida com a revolução educacional (AL MAYADEEN, 2015).

A recordação de Fidel Castro é boa e brilha nos Países da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), sobretudo, os africanos que reconhecem a contribuição de Fidel para o seu país. No caso específico da Guiné-Bissau, a influência entre Fidel Castro e Amílcar Cabral, desde a orientação política, se vê no plano ideológico do socialismo com forte presença de marxistas-leninistas. Além disso, Amílcar Cabral e o PAIGC receberam ajuda desde o envio do primeiro grupo que obteve treinamento militar em Cuba, em 1965, fornecimento de gêneros alimentícios, assessores de treino militar e envio dos médicos cubanos para a região libertada da Guiné-Bissau para tratar as questões da saúde básica da população (ISSUFO, 2016).

Se Cuba e Fidel deram suas influências partindo do Marxismo, anticolonialismo e nacionalismo a China, por sua vez, deu sua contribuição de forma significativa ao líder guineense. É notória a riqueza da influência do pensamento da Revolução Chinesa, em 1949, a ideologia do Partido Comunista da China, onde a nação chinesa se preparou rumo à emancipação (NEVES, 2005).

Cabral teve acesso a este fato através da relação de afinidade que estabeleceu com aquele país asiático e com a noção da construção de identidades chinesa no plano de ação do movimento político revolucionário. Em especial, quando obteve oportunidade de realizar inquérito rural que foi um acontecimento decisivo na vida de Cabral visitando a China no início da década de 1960 (LARANJEIRO, 2014).

Partindo do olhar da revolução chinesa, Cabral aderiu à ideia de atacar o sistema colonial em Guiné-Bissau a partir do interior, erguendo-se do campo e cercando centro urbano sufocando, assim, a manobra e raio de ação da força portuguesa, o que realmente surtiu efeito. Dessa maneira, recusou a necessidade de um retorno à cidade, organizou a vida política e econômica mais centrada na dinâmica social dos camponeses e equacionou a ecologia do território, além de apostar na descentralização do poder. Baseado nessa visão afirmou:

[...] a nova administração será totalmente desprovida daquelas cadeias de comando familiares na época colonial – governadores de província, etc. Na realidade, somos contra a ideia de uma capital. Para que é que nos havemos de sobrecarregar com todo esse peso morto de palácios presidenciais, grande concentração de ministérios, todos sinais evidentes de uma elite emergente que em breve se pode tornar um grupo privilegiado? (NEVES, 2001, p. 16).

A descentralização que propôs não quer dizer que no lugar deve-se substituir uma espécie de projeto de feudos locais, pois ao longo das suas reflexões, exibiu paulatinamente a preocupação com as limitações do Estado-nação no contexto africano. Portanto, não seguiu o comunismo chinês, mas incrustou a visão do país comunismo na sua luta (NEVES, 2001).

Voltando ao continente africano, a influência do líder Kwame Nkrumah que foi considerado um dos pilares da história africana, se fez presente no líder guineense. Cabral era um nacionalista, pensador e político habilidoso apelidado de

Abel Djassi – o nome de guerra e de pertencimento africano. Esse atributo de “nacionalista pensador e político” em Cabral se vê em Kwame Nkrumah. Não se trata aqui de mera influencia ideológica de quem teve sobressalto sobre outro, mas da forma que os dois nacionalistas espelharam em outro numa luta feroz contra seus subjugadores (CABRAL; NKRUMAH, 2015).

Contudo, deve-se reconhecer que Kwame Nkrumah exerceu influencia e ainda deu apoio para que Cabral, que não tinha domínio geográfico do seu território de então Guiné-Portuguesa, pudesse se apoiar. Em preparação para libertação, Cabral configurou os campos de treinamento em Gana, país do Nkrumah, com a permissão do líder ganes, treinando seus tenentes através de várias técnicas, incluindo conversas simuladas para fornecê-los habilidades de comunicação eficaz que os ajudaram no esforço de mobilizar seus conterrâneos guineense e chefes tribais para apoiar o PAIGC. Kwame Nkrumah é por alguns líderes africanos e do mundo considerado o pai do Panafricanismo. O que Cabral implementou na sua luta sendo considerado, “*fazedor de utopias*”, que enfrentou muitas contradições pessoais e no movimento de libertação que liderou, acabando morrer em consequência dessa causa. Neste âmbito, Cabral teve a influência do espírito nacionalista e de pan-africanismo do Nkrumah (CABRAL; NKRUMAH, 2015).

O pensador e pedagogo brasileiro Paulo Freire esteve em Guiné-Bissau na década de 1977, quando Amílcar Cabral já tinha sido assassinado em Conakry, em 20 de janeiro de 1973. Cada um viveu a sua realidade política educacional longe do outro. Mas, existem nexos profundos entre os legados que ambos imprimiram na sociedade, sobretudo tangente à Razão Revolucionária, no sentido político em relação a busca de conhecimento e a justificação do mesmo (FREIRE, 1978).

Conhecendo a obra dos dois, mesmo que de forma não profunda; em Freire e Cabral é fácil detectar pontos de convergências que os unem, seja pela contribuição na luta de libertação da Guiné-Bissau, seja pelos seus ideais. Entende-se que a razão e a revolução fazem sentido para Freire e Cabral com objetivo de descolonizar as mentes dos grupos sociais oprimidos criando, nessas condições, a possibilidade desses

grupos lerem o mundo criticamente, projetando, por consequência, suas próprias consciências sobre suas realidades (ROMÃO, 2012).

Se Freire cunhou a imagem do “hospedeiro” em “*pedagogia do oprimido*” para exprimir a dominação das mentes e a alienação que só pode ser superada pelo (a) próprio (a) oprimido (a). Esse personagem se vê em Cabral, que mesmo sendo “hospedeiro” e oprimido pelo opressor colonialista português, aprendeu a ser um ser duplo, criando a pedagogia própria para atar-se. Pois em um dado momento de sua vida, Cabral descobriu que é ‘*hospedeiro*’ da política do seu opressor. Conclui-se, então, que Freire e Cabral tem em comum um olhar de direito à educação emancipadora que não se pode desvincular do direito social e os direitos humanos que são interdependentes (FREIRE, 1987; ROMÃO, 2012).

Se Cabral recebeu influência de líderes e dos países revolucionário como foi citado acima, por outro lado, foi influenciado pelas ideias e circunstâncias em disseminadas em sua época. Para isso, pode se apontar o advento de I e II vergonhosas Guerras Mundiais, a ideia de autodeterminação aos africanos na primeira conferência Pan-Africana organizada em 1919. No seu entendimento, esses acontecimentos mundiais vieram substituir a realidade sociocultural que o mundo conhecia e estender outro paradigma e o novo princípio, em especial, em relação aos povos subjugados. Sob essa influência do mundo em que vivia, conseguiu apurar que a concepção de cultura se define no espaço e no tempo (NEVES, 2015).

Subentende-se, partindo dessa afirmação, que da mesma forma que a identidade muda, a geopolítica também é mutável. Ciente disso, sentiu-se à vontade para questionar o sistema português e a geopolítica que rege o mundo, vitimando os povos africanos. Internamente, permitiu uma divisão de trabalho entre os membros do PAIGC, entendendo que a ação coletiva de todos é que garante o sucesso. “LARBAC”, um dos seus pseudônimos, sabia receber essas influencias e anexá-las a sua própria convicção de que suas ideias eram corretas e pautadas na realidade em que vivia (NEVES, 2001).

Quatro décadas depois da independência, a Guiné-Bissau tenta consolidar a democracia, as instituições do Estado e o desenvolvimento, contudo, a precariedade

mantem o país na lista dos três mais pobres do mundo, cerca de 700 mil eleitores, dentro de 1.700 milhões habitantes que são habilitados a votar, 90% estão entre analfabeto e analfabeto funcionais. Esses, escolhem os seus líderes governamentais distribuídos entre 21 partidos e duas coligações, com destaque para o PAIGC, PRS, PRID e mais outros oposicionistas (REIS, 2008).

A maioria entende pouco sobre seu poder de voto e, ao mesmo tempo, se esforça na busca de sua sobrevivência, dia após dia. A manutenção do otimismo entre o povo e a realização do sonho que a independência apregoou há quatro décadas, continua sendo adiada, sobretudo, em questão do desenvolvimento socioeconômico. A afirmação da democracia, política estável que garanta a paz na sociedade guineense, também continua sendo adiada (REIS, 2008).

Por outro lado, a fortuna do presidente da república Nino Vieira, já assassinado, era avaliada no dobro do produto interno bruto da Guiné-Bissau, um país dependente da sensibilidade e da boa vontade dos estrangeiros por causa da pobreza. A vitória é decretada ao partido no poder que controla a mídia e impõe manobras que adulteram o resultado do pleito do povo. Além de nomeações inconstitucionais que acontecem dentro do governo (REIS, 2008).

A pobreza ainda facilita a execução de golpes, elevação da crise e cria motim nas Forças Armadas. A péssima situação que o país enfrenta se deve ao custo social que o analfabetismo impõe à nação, tornando inviáveis quaisquer mecanismos de resposta ao problema, por menor que seja, como, por exemplo, a epidemia de cólera (REIS, 2008).

3.11 O CUSTO SOCIAL DO ANALFABETISMO PARA GUINÉ-BISSAU

No ano de 2000, a mortalidade infantil era de 124/1000 nascidos vivos e até os três anos de idade morriam 138/1000 crianças. A mortalidade infantil representa o custo social do analfabetismo de forma cruel em Guiné-Bissau, que se reflete na falta de saneamento básico, saúde e educação, que indica o saber para lidar com situações simples que poderia evitar mortes (DJALÓ, 2009).

Outro fato importante é o aumento da urbanização desordenada em muitas cidades guineenses, piorando as condições de vida da população, inclusive o analfabetismo. O poder de decisão está concentrado nas mãos de poucos e os gestores não têm habilidades para pensar os territórios, o que contribui para reduzir as chances de equilíbrio na urbanização, afetando o progresso tecnológico, além do setor de comércio e de serviços.

A energia elétrica tem importante impacto no processo de educação da população e contribui para a manutenção do analfabetismo. Não existe investimento governamental para a geração de energia, sendo os geradores (centrais elétricas) movidos a petróleo, uma alternativa encontrada pela população. Essas centrais elétricas são comumente encontradas em Bissau, Bafatá, Bissorã, Búba, Cantchungo, e Gabú, que são cidades de destaques, mas também encontradas em cidades menores e vilas do interior como: Fulakunda, Cacheu, Catió, Kiêbu e Tité.

As centrais geralmente são sucateadas por falta de recursos governamentais para manutenção e compra de petróleo, dependente da importação de Portugal, o que contribui para o fechamento. Às vezes, no dia a dia dos guineenses, algumas famílias compram geradores pequenos e os instalam no fundo do quintal, suportando os gastos com combustível para obter energia, ou recebem alguma ajuda de empresas e de organizações não governamentais. A falta de energia interfere, também, na economia local; estabelecimentos como bancos, correios, hospitais, mercados, empresas de telefonias, estabelecimentos de rádio comunitários enfrentam enormes desafios para funcionar (FMI, 2011).

A escassez de energia se reflete totalmente na economia, aumentando o custo social do analfabetismo no país. Em 2012, a renda per capita era de U\$ 693,00 por ano, no entanto, em 2002, 20,8% das pessoas viviam com menos de 1 dólar por dia; e em 2010, esse percentual aumentou para 33,0% (INE-ILAP, 2010 apud INE IND, 2014).

O analfabetismo pode contribuir para a deficiência de recursos humanos qualificados em planejamento urbano, fato que resulta na maior doação de terra sem áreas de preservação permanente, terrenos impróprios para a agricultura e para a construção

de moradias, aumentando as construções em áreas de risco para acidentes ligados a fenômenos naturais (ANDRADE, 2012).

No processo de globalização e nas discussões da agenda 21, no final do século XX, iniciaram-se as conferências mundiais sobre meio ambiente e desenvolvimento, com objetivo de pensar alternativas globais para assegurar o desenvolvimento econômico, social e ambiental mais justo e de menor impacto para o planeta, incluindo os processos de educação e o combate ao analfabetismo. Na conferência da ECO-92, no Rio de Janeiro, foram estabelecidas metas para o desenvolvimento sustentável necessário para o século XXI, tendo como lema à realidade econômica e ambiental em Guiné-Bissau, valorizando-se o combate ao analfabetismo como meta a ser perseguida; no entanto, pouco foi feito (ANDRADE, 2012).

Em 2009, no eixo da educação, a população com idade acima de 15 anos representava 49,8% de analfabetismo. Contribui para essa alta taxa de analfabetismo, falta de condições financeiras (23,6%), doenças e gravidez na adolescência (21,6%), não identificam valor da escola para o futuro das pessoas (19,2%), moradia longe da escola (8,2%). Os principais ramos de atividade incluem agricultura de subsistência, pesca, pecuária, silvicultura (45,5%), comércio (18,8%), indústria agroalimentar (11,5%). Não há restrição e nem legislação quanto ao trabalho infantil. Crianças de cinco a 17 anos (29,6%) estão nos mais diferentes ramos de atividades, incluindo 21,0% que executam trabalhos perigosos (FMI, 2011).

O impacto do analfabetismo também é sentido nas condições de habitação. A pobreza generalizada não distingue os agregados familiares pelo tipo de habitação. Mesmo nessa condição de pobreza extrema, 73% dos alojamentos guineenses, são ocupados pelos proprietários, 19% arrendados às entidades privadas, 4% são cedidas ou emprestadas e nenhuma sob a gestão do poder público, em função da dificuldade do estado guineense em pagar aos proprietários (FMI, 2011).

O Índice do Desenvolvimento Humano (IDH), entre 2011-2013, variou de 0,28 a 0,39, indicando que não há perspectivas para oportunidades econômicas, que se reflete no crescimento social na Guiné-Bissau (2010), e em condições fundamentais de vida

como fornecimento de água encanada (10,1%), poços protegidos (46,0%), nascentes ou poços não protegidos (32,1%). Rede de esgoto é muito rara e 21,1% da população fazem suas necessidades fisiológicas no meio ambiente (FMI, 2011).

É exatamente na falta de água de boa qualidade e na falta de energia elétrica, aquisição de produtos alimentares como: pão e cereais, carne, peixe, frutas, legumes, bebida habitação que se vê a clausura que o impacto de analfabetismo impõe ao país. E a reclusão não para na falta desses itens, pois estende se também, para o setor de vestuários, calçados, mobilidade, equipamentos domésticos, serviços de saúde, transporte, comunicação, lazer e cultura, restaurante, hotel, bens e serviços e diversos que a maioria não tem acesso. Falta quase tudo no país o que obriga a importação de petróleo refinado, maquinários e cereais para se sustentar. Há uma tendência para aumento da exportação de produtos agrícolas como castanha de caju e outros produtos agrícolas (FMI, 2011).

A estrutura de saúde na Guiné-Bissau é constituída por Centro de Saúde públicos (68,4%), privados (7,5%) e hospitais públicos (13,6%); mas, apesar disso, as crenças e valores culturais culminam com atendimentos por meio de consulta médica (0,5%), busca a farmácias (1,0%), curandeiros, adivinhos, sacerdotes e anciãos locais, valorizando mais os chás das ervas que conhecem bem os seus efeitos de cura (narração de um ancião Braasa, Guiné-Bissau, 1980).

Uma das ações para a prevenção de doenças é feita por meio de vacinação disponibilizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para as crianças na faixa etária de zero a um ano, a imunização é feita para prevenção de tuberculose (94,0%), poliomielite (73,0%), febre amarela (76,0%) e sarampo (49,0%). O aleitamento materno exclusivo chega a 38,3% (INE, 2014). Mas essas ações não são suficientes para impedir a desnutrição (27,0%) em crianças menores de cinco anos de idade (INQUÉRITO NACIONAL SMART, 2012).

O custo do analfabetismo na Guiné-Bissau mantém o país longe do sonho da independência, reforçado pelo desenvolvimento socioeconômico, afirmação da democracia, da estabilidade política e de paz social. Na estratégia do político na busca

para manter o favorecimento ou a vitória do seu partido, comete todas manobras escusas, incluindo adulteração do sentimento e da vontade expressa do povo nas eleições legislativas ou presidenciais. A nomeação ou a composição de governo, na maioria das vezes, é inconstitucional e formado essencialmente por pessoas do partido da situação, sem o mínimo de respeito à lei eleitoral.

De acordo com Jornalista Carlos Reis, o custo do analfabetismo veda os olhos do povo, impedindo-os questionar a perpetuação de golpes e a riqueza que alguns presidentes e eleitos ostentam no país. Desde a sua independência (1974), a Guiné-Bissau foi controlada por um conselho revolucionário que não segue o socialismo, mas sim, uma democracia nacional revolucionária (REIS, 2008).

Em 1980, o Presidente Nino Vieira cortou relações com Cabo Verde, o que contribuiu para um grande prejuízo para o país, pela falta de integração econômica. Durante o seu governo, a Anistia Internacional o acusou de enriquecimento ilícito, corrupção e nepotismo (REIS, 2008). A abertura política permitiu as primeiras eleições pluripartidárias (1994), mas Nino Vieira foi o vencedor. Quatro anos depois (1998), um golpe militar o depõe e as forças armadas se dividiram entre os amotinados contra o presidente e os a favor, levando o país a uma guerra civil que durou 11 meses.

Passando este episódio, novas eleições ocorreram em 2000, sendo vencedor o líder opositor do partido PRS, Kumbá Yalá, mas o seu mandato durou apenas três anos (2000 – 2003), quando sofreu novo golpe militar, sendo preso sob a acusação de incapacidade para resolver os problemas do país. Depois disso, uma avaliação da Human Development da UNDP, programa de desenvolvimento das Nações Unidas, indicou que Guiné-Bissau ocupa o lugar de número 175 entre 177 países, com renda per capita de U\$ 827/ano, e esperança de vida ao nascer de 45,8 anos; em contrapartida, a riqueza do ex-presidente Nino Vieira era equivalente ao dobro do produto interno bruto do país (REIS, 2008).

Mais uma vez, o custo do analfabetismo exhibe o flagelo sofrido no país. A pobreza é revelada nas péssimas condições de saneamento básico, contribuindo para epidemias de cólera que causam a morte de mais de 200 pessoas, e morbidade em

mais 10 mil por ano. Apesar das epidemias serem previsíveis, não se vê mecanismos de resposta eficaz por parte das autoridades para o enfrentamento das doenças.

Contribuem para a ocorrência de epidemias graves diversas, a falta de eletricidade, desemprego, saneamento básico e educação, dentre outras. Além disso, a União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau (UNTGB), a mais destacada central sindical guineense, denuncia que os trabalhadores estão sendo submetidos à mendicância, por prática de má gestão governamental. Também, em função do analfabetismo, existe falta de recursos humanos qualificados, que associado às altas taxas de absentismo, de nepotismo e da corrupção na função pública, recrutamentos abusivos de agentes pelos governos precedentes, na base étnica ou a pertença ao mesmo partido, perpetuam a pobreza e o analfabetismo do povo.

O analfabetismo é uma condição que agrada aos negócios dos traficantes. Mesmo com a ajuda das Nações Unidas para a aprovação do plano estratégico para a consolidação da paz na Guiné-Bissau, nada evoluiu em sentido concreto da consolidação da paz entre os guineenses. Os traficantes formaram redes vindas da América Latina, utilizando o território da Guiné-Bissau como depósito para introduzir entorpecentes na Europa, pela falta de recursos para o controle nas fronteiras e de autoridades de segurança pouco preparadas para coibir o tráfico. Facilitado por estas vulnerabilidades, este cenário favoreceu aos narcotraficantes converter a prática em um mercado de drogas, passando a não ser simples centro de trânsito, mas um intenso mercado e comércio de entorpecente para a Europa.

Esta situação compromete a paz, a segurança, a saúde, a economia e o Estado de Direito. Quem participa do tráfico de drogas na Guiné-Bissau, atua quase que livremente por saber que a possibilidade de os governantes adotarem medidas punitivas é quase que impossível. Isto permite que o narcotráfico e crime organizado cresçam significativamente no país, ameaçando, desta forma, os esforços para a consolidação da paz. Isso traz um dano irreparável à juventude, à sociedade e ao desenvolvimento do país (REIS, 2008).

Na frágil estrutura do país, que continua confirmando o custo social do analfabetismo como fator determinante das consequências nefastas refletidas na atualidade, o governo reconhece as fragilidades observadas na educação que coloca o país na dependência de países parceiros como o Brasil, China, Cuba, França, Portugal e Rússia, os quais ofereceram bolsas de estudos para formação de recursos humanos para o país, contudo, alguns países recentemente retiraram esse apoio.

Além de ter evidências claras nas condições de habitação, o analfabetismo também é sentido na capacidade de compreender e interpretar os valores dos recursos naturais que o país possui. O que lembra o episódio da discussão que surgiu na agenda dos parlamentares em 2011. O tema solicita intervenção para que comerciantes senegaleses, país vizinho, fossem impedidos de furtar fóle⁸, uma fruta típica de planta trepadeira da Guiné-Bissau, rica em nutrientes. Após a intervenção do deputado em defesa da fruta, alguns políticos se posicionaram contra, argumentando que o parlamento e a assembleia guineense não eram espaços adequados para discussão de assunto tão irrelevante, como esse de alimento dos sandjos (babuínos). Neste cenário, pode-se entender que mesmo que Senegal tivesse que entrar na mata guineense e subtrair a fauna, flora e patentear produtos guineenses como se fossem produtos da fauna e da flora senegalesa, sob véus do analfabetismo, poderiam fazê-lo sem nenhum problema.

O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Universitário (PNUD) ratifica que o problema da pobreza é global e tende a crescer de forma acelerada, ao afirmar “Ahí la necesidad del Pacto de Desarrollo Del Milenio: sin él, los países pobres continuarán atrapados en la pobreza, con un crecimiento económico bajo o negativ. ” (PNUD, 2003a, p. 17).

Desse modo, há a necessidade de um pacto de desenvolvimento neste milênio, pois sem ele, os países pobres continuam presos na pobreza, com um crescimento econômico baixo ou negativo (PNUD, 2003b). Segundo este relatório, 28 países merecem prioridade dentro do objetivo proposto. Trata-se de países que não se

⁸Uma fruta típica de planta trepadeira na Guiné-Bissau rica em nutrientes cujo suco é muito procurado nos restaurantes. Fole também serve de alimento para sandjos (babuínos) e outros animais na savana. Daí a reclamação do deputado que se posicionou contra.

enquadram apenas na categoria de prioridade, mas de alta prioridade para alcançar a meta de desenvolvimento, pois na avaliação feita nesses países, verificou-se que os mesmos medem menos de 3 pontos de potencial econômico, o que lhes enquadra na lista dos países com maior risco de não atingir os objetivos desejados. A maioria se situa na África Subsaariana, incluindo a Guiné-Bissau, com retrocesso em via de desenvolvimento com 40 pontos atrás do Togo, por exemplo (PNUD, 2003b).

O impacto do analfabetismo também se revela no panorama comercial internacional, quando se refere ao intercâmbio comercial bilateral. Com a falta do planejamento, revela-se a falta de pessoas instruídas que entendam como lidar com a questão do comércio e intercâmbio entre seus pares. O que coloca a Guiné-Bissau nos trilhos andando no sentido decrescente e ocupando uma posição longe da desejável. É pertinente citar o Brasil como um dos intercâmbios comerciais bilaterais (FMI, 2011).

Enquanto outros países ocupam posições de destaque, a Guiné-Bissau contenta-se apenas com 34º posição como parceiro do Brasil entre os países da África Subsaariana. O que, segundo a Divisão de Inteligência Comercial da Guia de Negócios, marca a participação de 0,05% no total na região, e o 163º no mundo. Ou seja, é uma participação muito inferior a 0,01%. E essa situação “desastrosa” do intercâmbio entre o Brasil e a Guiné-Bissau tende a apresentar um quadro degradante; uma vez que, as variações dos anos subsequentes têm mostrado falta de interesse dos parceiros internacionais, nomeadamente brasileiro, de exportar para Guiné-Bissau. Pode-se dizer que isto acontece porque o custo social do analfabetismo persiste em acumular danos em qualquer setor da sociedade guineense (PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS, 2012).

A evolução do intercâmbio comercial por parte da Guiné-Bissau entre os parceiros comerciais, incluindo o Brasil, é muito lenta e enquadra-se mais na posição da dependência. Isto se revela em relação às exportações para a Guiné-Bissau até 2012, quando foram compostas, em grande parte, por produtos manufaturados que corresponderam a 89,1% do total. Ao cruzar dados das pautas de exportação do Brasil e de importação da Guiné-Bissau, verifica-se que as oportunidades e potenciais

guineenses estão longe de ser satisfatórias e muito menos de se equiparar com o potencial que o Brasil oferece ao país.

Entre os vinte e cinco principais produtos brasileiros importados para o mercado guineense, pelo menos onze deles como óleos de petróleo, arroz, automóveis, alimentícias de farinhas/sêmolas/amidos, óleos de dendê, leite em pó, ovos, sabões, bebidas não alcoólicas, sucos de frutas, águas e minerais; não precisavam ser importados para Guiné-Bissau se o país não fosse mergulhado no analfabetismo que lhe encarrega um custo social muito elevado, uma vez que, os onze itens citados já tiveram iniciativas de suas extrações e alguns já foram produzidos no país na década de 1978, no governo do então presidente Luiz Cabral, que após o golpe de estado de 1981 foi deposto pelo seu sucessor Nino Vieira, quando tudo paralisou até hoje (PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS, 2012).

Em referência aos principais setores dos investimentos estrangeiros anunciados pela Guiné-Bissau, a partir dos anos de 2007 até 2012, de acordo com o Calendário Brasileiro de Exposições dos investimentos estrangeiros, consta apenas no setor de comunicações com 7,4% e nos serviços financeiros com 92,6%. O custo social do analfabetismo para Guiné-Bissau e seu flagelo são visíveis nesses setores. O que explica, também, o porquê da falta de empresas de médio e de grande porte no país, com o ciclo de vida longa, exceto no setor de pequenos empreendedores e comerciantes ambulantes (PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS, 2012).

No contexto político, social, governativo e de segurança, as evidências do impacto do analfabetismo se exibem. Pode-se dizer que na década de 2000 a vida pública na Guiné-Bissau teve o marco lamentável de complicações políticas e de debilidade do Estado; não observando as regras de funcionamento do Estado de Direito democrático, sobretudo, tangente a submissão do poder militar ao poder civil. O país não teve a lucidez de superar as políticas, econômicas e sociais, geradas pelo conflito político envolvendo as forças armadas durante 1998-1999.

A instabilidade política impunha a queda de sucessivos governos que, em média, não alcançavam o período de seis meses, e esta situação durou até 2014. Neste sentido,

a comunidade internacional, na tentativa de consolidar a democracia e respeitar o Estado de Direito, fracassou várias vezes a sua missão por falta do entendimento entre políticos e militares guineenses. Essa falta do entendimento, impunha a comunidade internacional adiamento de apoios humanitários ao país (RELATÓRIO FINAL SOBRE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS ANTECIPADAS EM GUINÉ-BISSAU, 2009).

O custo social do analfabetismo também foi tema de preocupação pela Secretaria de Estado da Solidariedade Social e do Emprego, junto à Organização Internacional do Trabalho (OIT) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que efetuaram pesquisa documentária sobre o quadro de políticas públicas de emprego na Guiné-Bissau em 2002. Esta pesquisa foi composta por dois volumes, os quais trouxeram um diagnóstico da situação macroeconômica; considerando as perspectivas da evolução da população ativa e a forma como se opera a adequação entre a oferta e a demanda de empregos no mercado do trabalho. A pesquisa avaliou, ainda, os dispositivos de intervenção econômicos, financeiros, sociais, os programas e projetos de incidência no emprego e no trabalho decente (PNUD, 2002).

Além do contexto político e social, o impacto do analfabetismo se desvela no âmbito da mídia nacional. Destaca-se o jornal “NôPindja”⁹ por seu percurso histórico, pelos ensinamentos que propicia ao povo guineense, atingido-o, majoritariamente, através da notícia radiofônica e jornal diário no centro e no interior. Mesmo com toda evolução, manteve-se durante o período posterior a independência, 1973/74, aos dias de hoje a emitir as informações favoráveis ao governo e ao poder público. Jornalistas correm risco se noticiarem a realidade. Política e ideologicamente, havia o que se entende como “centralismo democrático”, que censurava atitudes e comportamentos editoriais divergentes de conteúdo do governo que fosse transmitido ao país no seu dia-a-dia como um desejo e mando. Ou seja, muito próximo ao doutrinação proposto pelo então regime do partido único, o PAIGC. Em outubro de 1991 o surgimento da democracia e do pluralismo político, induziu à abertura e liberalização que se seguiu a Lei da Imprensa Escrita e de Agências de Notícias; Lei da Publicidade; Lei do

⁹ A palavra “NôPindja” significa “vamos! Prossigamo-nos!” no idioma crioulo da Guiné-Bissau.

Conselho Nacional de Comunicação Social-CNCS; Estatutos do Jornalistas; Lei sobre Direito de Antena e Réplica Política (LOPES; SOARES, 2015).

Mesmo assim, muita coisa não mudou. Os órgãos de comunicação ainda enfrentam fragilidades, internas e externas, entre as quais se destacam: a inexistência de orçamentos de funcionamento, administração e gestão ineficaz e da pior qualidade, faltando meios de circulação, instabilidade, ausência de leis e normas que regulem a existência da mínima obrigação definida, bem como a inexistência de políticas do governo que favoreçam o fortalecimento dos técnicos e jornalistas.

Falta de aquisição de materiais fundamentais à realização do trabalho de comunicação (viaturas, computadores, gravadoras, câmaras fotográficas, etc.) Criação de *sites* na internet, enquanto suporte tecnológico de difusão da informação em larga escala (LOPES; SOARES, 2015).

Apesar das dificuldades, detectam-se aspetos positivos que animaram, gradativamente, os profissionais com estudo superior no jornalismo do país; além da melhora de estruturas e organizações de apoio com facilidades de adesão e de filiação. Experientes profissionais, com mais de quinze anos de formação, conseguiram demonstrar a eficiência da natureza moral, competência e ética visível na mídia guineense. Surgiram vários rádios a nível local, configurando-se como importante mecanismo de apoio para a melhora do funcionamento das rádios comunitárias, redução ligeira das dificuldades de manutenção e de reposição de equipamento e realização de seminários regionais em Buba, Gabu e Bafata, o que nos anos antecessores a 1974 nunca houve no país. Pode-se dizer que o custo social do analfabetismo para Guiné-Bissau descreve seu dano em todos os setores sociais do país africano (LOPES; SOARES, 2015).

A despeito dos atrasos verificados nas quatro décadas, o ensino guineense, em especial, referente às escolas públicas, segue abaixo do padrão de excelência adequado a meta que o governo almeja atingir. O problema é evidente no impacto econômico e social no país. A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) é um importante estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) que

evidencia a situação da América Latina e das Ilhas Caribenhas. A CEPAL é um braço da ONU e serve de ponto de observação para a realidade da Guiné-Bissau de que quando a proporção de pessoas analfabetas está acima do que é aceitável, isto afeta, de forma profunda, a questão socioeconômica.

Segundo a CEPAL, a pessoa incapaz de ler e escrever com clareza, com idade de até 15 anos, é absolutamente despreparada para quaisquer postos de trabalho na economia atual e é totalmente excluída do acesso à escrita e à leitura, essencial à formação mínima enquanto cidadão. É grave e lamentável, que essa realidade coexista na contemporaneidade. Nomeadamente nas populações dos países vulneráveis, como é caso dos guineenses, que são arremessados fora dos direitos essenciais da vida por causa do impacto do analfabetismo.

Os reflexos mercadológicos dessa lamentável realidade aparecem nas vendas e no comércio. Numericamente, são contingentes representados pelos guineenses que equivalem à população consumidora de todos os bens produzidos e servidos para poucos que sabem ler e escrever, porém, a maioria não contribui para o avanço socioeconômico da Guiné-Bissau. A consequência danosa representa o apagão de mão de obra explícita em vários setores de atividade. É importante admitir o que Sonia Mari Shima Barroco constatou, que o custo social do analfabetismo no país está atrelado ao “Fracasso escolar na Guiné-Bissau” (BARROCO, 2015).

O objetivo do seu trabalho era detectar o fracasso escolar na Guiné-Bissau e na sua política educacional o que, de certo modo, justifica o contexto de convênio educacional entre Brasil e Guiné-Bissau para o Ensino Superior e a Pós-graduação, em que Brasil se revela como principal parceiro; no sentido de amenizar o fracasso educacional visível nesta nação. Apesar do impacto favorável da cooperação educacional entre Brasil e Guiné-Bissau para a juventude deste país, não se deve fechar os olhos ou deixar de constatar o problema do fracasso escolar, que começou na educação básica, e onde deve-se revidar o esforço para o seu enfrentamento. No estudo do tema, Sonia Mari Shima Barroco relaciona seu estudo “à Teoria Histórico-Cultural (THC), Pedagogia Histórica-Crítica (PHC) e a Psicologia Escolar/Educacional que permitiram compreender: políticas públicas da educação guineense, constituição do

sistema educacional, índices geoeconômicos e educacionais e de documentos públicos sobre a educação em geral e o fracasso escolar” (BARROCO, 2015).

A pedagoga, por outro lado, reconhece que a Guiné-Bissau e a sua educação sofrida, como é até hoje, está exibindo consequências de uma dominação colonial de cinco séculos que “carrega pelas costas”. Após sua independência, em quarenta e quatro anos (1973-2017), os princípios, as concepções de mundo, de homem e de sociedade, vinculados ao projeto da república e de liberdade para a Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP), ainda persiste a dificuldade; ou seja, tende a ser ardiloso (BARROCO, 2015).

A dificuldade é que o país conviveu vários anos com dois modelos de diâmetros opostos: o ensino colonial, contendo seus conteúdos programáticos com base nos currículos escolares do ensino da metrópole que nunca se adequou a realidade guineense; e o ensino do PAIGC, conhecido como “Educação de Zonas Libertadas”, cujo conteúdo programático valorizava a história, geografia, relevo e exaltava as tradições culturais e a formação militante dos guineenses para ingresso na guerrilha.

A educação guineense do regime opressor português sempre investiu o mínimo na educação seletiva e discriminatória, colocando os nativos na categoria de inferiores, indígenas, ignorantes e selvagens. Este impacto da discriminação foi avassalador. Logo nos anos pós-independência, enfrentava-se o problema primário de estabelecer e manter com facilidade a formação de professores da rede pública de ensino, sobretudo no ensino básico. Barroco (2015) aponta que se fez a expansão das escolas a quase todas as aldeias, visando à massificação do ensino.

Mas os problemas a enfrentar eram vários, em especial, o uso do idioma português para o ensino, em detrimento ao idioma do povo guineense (língua crioula e tribais), negligenciados com suas metodologias ditas tribais. Isto dificultou e, ainda, dificulta a aprendizagem das crianças numa língua não materna, em estilo e modelo inadequado ao método usado na sua cultura para ensiná-las. O que contribui para o baixo nível da qualidade e da eficácia do sistema educacional da Guiné-Bissau. E isto repercutiu como efeito dominó na escola que se assiste no país até hoje. Além disso, observa-

se que existe no país uma política educativa desajustada em relação às dimensões social, política, econômica e cultural (BARROCO, 2015).

Dessa forma, não parece ser possível obter resultados confiáveis quando todas as circunstâncias que contribuem para a produção do insucesso ou do fracasso escolar não são analisadas. No contexto das transformações educacionais guineenses é possível e necessário pensar sobre os desafios enfrentados pelos profissionais da educação, em especial, os da rede pública de ensino. Pois diante deste cenário, não é fácil e nem tão pouco simples lutar e conseguir estabelecer uma boa educação formal para todos no país (BARROCO, 2015).

4 CONCLUSÃO

Os ideais de liberdade de Amílcar Lopes Cabral de Castro permanecem atuais como forma dos processos de liberdade, dignidade humana e avanços sociais para os oprimidos, contra aqueles que detém o poder pela manutenção da ignorância dos dominados e humilhados.

5 UMA BREVE HISTÓRIA DE VIDA DO AUTOR

Meu nome é M'bana N'tchigna e a minha trajetória sobre o entendimento de mim mesmo, do grupo e da nação guineense, se deu gradualmente. Até os 16 anos de idade cresci na vila de Banta-Ei-Sillá, cravada na savana ao lado da floresta de Kantahéz, a mais respeitada do país, localiza ao Sul da Guiné-Bissau. Até essa idade, conceito de nação para mim se restringia ao meu grupo étnico Braasa (Banto) do que do próprio pertencimento da Guiné-Bissau como um país. Ou seja, não me sentia cidadão guineense. A razão era simples, a definição que ouvia sobre mim nos ensinamentos dos anciões era de que eu era Wuraasa, singular da palavra Braasa e ninguém me identificava como guineense. Nessa “nação”, Braasa em que me criei até à adolescência, me orgulho de meu pertencimento como bem provável que outras várias crianças tiveram na década do ano 70 e 80.

Nesse período da inocência, desfrutei do melhor ensinamento que carrego até hoje na minha formação psicossocial como homem. “Eu viajava” ouvindo contos sobre façanhas do meu povo; sua bravura, vitória, resistência e derrotas sofridas também na luta contra o subjugar. Também fiquei condoído e com sentimento de culpa por saber que Braasa infligiu a outros grupos sem motivo aparente, com golpes brutais, invadindo terras desses e apoderando-se de tudo.

Aprendi trabalhar cedo de jeito árduo. Absolvi valores éticos e morais, a obedecer e a respeitar a hierarquia, do jeito que é até hoje por lá, como a tradição manda. Enfim, fui uma criança feliz como as demais. Em 1987, com 17 anos de idade, meu primo Betákda Na N'guwana, já falecido, decidiu que eu tinha que estudar, afirmando: “não conheço ninguém do nosso parente que avançou nos estudos, mas você será o primeiro”. Assim, mudei da savana e vim morar com ele em Bissau, capital.

Mas, logo veio a saudade dos meus colegas, das brincadeiras, das caças as farfânas (espécie de capivaras brasileiras na África), javalis, gazelas e outros animais, a nosso modo na savana. Coisas que na capital não se encontram. Sentimento que me induziu a tentar fugir três vezes de volta para savana e abandonar os estudos. Mas sem

chance, pois Betákda sabia da minha intenção de abandonar os estudos e retornar para savana.

O tempo passou e aos poucos o meu pertencimento de grupo Braasa como meu povo fora se substituindo ao sentimento de pátria guineense graças aos estudos. Agora, começa a fazer sentido a nação chamada Guiné-Bissau ao meu entendimento, o que logo conectei com Amílcar Cabral. Eu não lia bem, mas tinha vontade, curiosidade e determinação para entender o que e sobre quem eu lia.

Fascinado pela história que eu nunca tive acesso na savana e ainda que tivesse eu não sabia lê-la, agora estou ávido em saber mais sobre Amílcar Lopes Cabral e o que ele fez? Conheci um dos livros dele cujo título eu me lembro até hoje: “PRINCÍPIOS DA NOSSA LUTA – Amílcar Lopes Cabral” através do meu professor Siuná Kpóka.

Um dia eu me dirigi com minha colega na Biblioteca pública localizada no Centro de Estudo Nacional de Formação Acadêmica – (CENFA) fiquei impressionado de ver tantos livros. Na savana não há uma casa tão imponente que fosse designada a abrigar livros. O funcionário da Biblioteca foi logo me mostrando vários livros. Fiquei perplexo, sem saber por qual dos livros começar.

Pelo menos a história de Cabral estava impregnada na minha imaginação. Li seis coleção fracionados em 6 livros pequenos de 50 páginas aproximadamente. Interessei-me de forma profunda sobre Cabral. Na medida em que fui lendo percebi que Cabral menciona outros pensadores africanos e de outros extremos do mundo que eu não tinha a menor ideia de quem se tratavam como, por exemplo: Fidel Castro, Lennin, Marx, Seyko Turé. Percebi o meu atraso em relação à realidade em que me insiro agora, a realidade de mundo da “cientifico e de conhecimento formal”.

O mundo cujo base de sua sustentabilidade não tem nada a ver com o mundo da savana de onde eu vim. Meu interesse ampliou rapidamente em decifrar “esse código novo” através do estudo e saber cada vez mais sobre outros líderes da África. Li sobre Seyko Turé, líder da Guiné Konákry, (Kwame N’krumah, líder de Gana, e Sedad Senhor, líder de Senegal. Surge em mim, pensamentos de ideologias para conviver

no mundo globalizado diferente do meu cotidiano na savana. Surge então, no meu imaginário, um conflito de visão de mundo de mundo vivenciado na savana, em minha origem e o mundo capitalista, onde vivo hoje.

A exaltação do grupo a qual eu me pertencço, era mais importante para mim do que o mundo Ocidental cujo sua ideologia embora “dominante” em relação aos outros, não fazia parte dos meus valores e nem sentido válido para mim. Aqui, eu me encontrava em uma encruzilhada sob a neblina do sentimento de revolta e sensação de quem não acreditava que outro grupo humano pode chegar a tal supremacias e barbárie como a história me desvenda nos livros que conheci.

A revelação histórica sobre as estratégias de guerras como lançamento de bombas em Nakajaque, no Japão, na II Guerra Mundial, me surpreendeu. Do mesmo modo com o relato da travessia dos homens escravizados para as Américas, reivindicação dos trabalhadores da casa de estivadores em 3 de agosto de 1959 no cais de Pindjiguiti, Bissau. Tudo isso custou a me convencer que o que lia eram acontecimentos reais feitos por humano.

Passei a frequentar Biblioteca com mais frequência, até que um dia li sobre o que acontecia no porto de Goré no litoral de Dakar, capital de Senegal. Descobri que preto escravizado mais temia, não era atravessar para as Américas sem volta, mas ser considerado inútil e jogado vivo aos tubarões no porto de Goré. Embora alguém selecionado como animai e vendido aos escravagistas para viver o resto de sua vida sem direito nenhum me parece mais horrível que a morte. Aquilo foi como faca enviada nas minhas estranhas. Comecei a chorar!

Nunca me esqueci do título do livro que lia: COMERCIO TRINANGULAR. Este livro trazia detalhe tanto de gravuras e nos parágrafo de cada capítulo que não deixava dúvida de que aquilo que eu lia, aconteceu de verdade entre 1446 a 1817 com maior intensidade na história humana. Queria que fosse apenas mentira, aventura e estória de lobo e lebre que ouvia na savana, mas era verdade! A minha visão de mundo mudou. Me sentia arrependido por ter estudado para agora saber coisas que não

queria saber sobre a minha realidade africana. Hora, culpava meu primo Betakdá Na N'guwane por ter me trazido para estudar em uma “escola ocidental”.

Era aventura demais e de mau gosto para mim! Mas de vez enquanto voltava sempre a reler Amílcar Cabral como quem buscava consolo em uma história de alguém que pelo menos como filho da África, a sua história fazia sentido a mim, pois ele fez alguma coisa ao reclamar perante colonialistas portugueses a justiça para os nativos.

De 1987 até 1995, foram oito anos de estudos intensos que se passaram para mim. Para sobreviver tive que interromper os estudos e começar a trabalhar como ajudante de pedreiro. Meu primo sentia orgulho de me, pois agora eu sabia ler e escrever, cumprindo assim, a primeira tarefa.

Nesse período já havia um projeto brasileiro de origem americano denominado *Jovem Com Uma Missão* na Guiné-Bissau(JOCUM). O Pr. Carlos Roberto Sobreira, solicitou localmente que jovens guineenses fossem ajudá-los nessa missão evangelizadora e eu fui um dos primeiros seis jovens selecionados para trabalhar com brasileiro pela JOCUM, onde auxiliei na missão no qual uma das integrantes se chamava Vânia Fontoura. A minha participação consistiu na tradução do idioma crioulo para o português durante as visitas que abordavam temas relacionadas a saúde, educação e evangelização nas tabankas (vilas).

Estreitando amizade com Vânia ela percebeu e pensou em algo em que eu não tinha mais como sonho; continuar os meus estudos no Brasil. Em 1995 eu já estava com 25 anos de idade e a Vânia já comentava que eu precisava continuar a estudar. Mas aquilo era um sonho que para mim já não era mais possível, pois me sentia velho sem concluir segundo grau e também eu tinha consciência de que, nível da língua português que eu possuía era fraca, para estudar no Brasil. Meu português estava abaixo do entendimento dos textos acadêmicos, na minha interpretação.

Mesmo assim, em 1996 com 26 anos e com ajuda de Vânia embarcava para o Brasil, no aeroporto Internacional Osvaldo Vieira de Bissalânca a 8 km de Bissau

acompanhado por parentes e amigos para pegar voo que partia de Bissau, Dakar, Sal (Cabo Verde) e Rio de Janeiro.

No voo para Rio de Janeiro num Boeing flutuando e cruzando Oceano Atlântico em direção ao Rio aconteceu episódio engraçado envolvendo à minha ignorância. Na hora de comer, uma das aeromoças se aproximou entregando nas minhas mãos algo branco alinhadamente, úmido e aquecido. Eu nunca tinha visto aquilo na vida. Era um ritual que para quem viaja sempre de avião costuma assistir que até a aeromoça não precisava mais perder tempo para explicar as pessoas para que era aquilo. Pois todo mundo sabe que tinha que higienizar as mãos antes de comer. Menos eu naquele vôo que precisava de explicação, mas ela não sabia da minha origem.

Eu não podia imaginar qual era a finalidade do “lenço”. Segurei e senti que era morno. Olhei para as pessoas ao lado percebi que alguns limpavam as mãos, mas uns, dispensavam aquilo. O que me deixou mais confuso, não entendendo nada e fiquei paralisado até que aeromoça percebendo que eu continuava a ignorar o lenço umedecido. Logo dirigiu-se a mim educadamente e disse: *É para seu uso! - É para limpar as suas mãos antes da comida!* Olhei aliviado e retruquei: *mas porque está quente?* A esse momento ela já tinha ido embora sem escutar o que eu perguntei.

Limpei as mãos e segurei o papel novamente até que ela voltou com a colega dela e com carrinho cheio de refeições a servir abordo. Ela se aproximou de mim novamente e percebeu que eu não havia abaixado a mesa à minha frente. Novamente ela pediu licença gentilmente girou alavanca a mesa apareceu à minha frente, onde depositou a bandeja de comida. No conteúdo havia duas frutas, pedaço de queijo, suco, porção de arroz, salada e doces. Comi aros e salada e o resto deixei ao lado. Fiquei com vergonha ao perceber que meus “vizinhos” de poltronas espreitavam querendo compreender o rapaz bem vestido, mas que se comporta visivelmente como quem nunca tinha viajado de avião. Após 8hs e 38 min o nosso voo chegou ao Rio de Janeiro de manhã do dia 12 de Dezembro de 1996. E na hora de sair do Aeroporto? Deixa para lá, é outra história!

Através da Vânia já tinha vaga me esperando numa escola de Bacharel em Teologia na Faculdade Teológica de Belo Horizonte. Cheguei ao Rio de Janeiro passei para Belo Horizonte (MG). Em Belo Horizonte recebi apoio de Fábio Araújo, funcionário de Banco de Brasil na altura. Comecei a estudar. Ao mesmo tempo em que fazia supletivo para melhorar o meu português, fazia também curso de montagem e manutenção em microcomputadores e ainda estudava para prestar vestibular na PUC-MG. Contudo, estava sob dúvida se eu realmente poderei chegar até a onde o desafiado se estendia. Estava com medo do confronto com a nova realidade fora da savana africana e ainda vergonha de exhibir meus hábitos.

Fábio aderiu à visão da Vânia e dizia: - *“Você vai longe M’bana...”* Concluindo supletivo entrei no seminário em 1998 e foi quando estourou a guerra civil em Guiné-Bissau. Inquieto por causa dos meus irmãos em situação da guerra pela notícia que chegava, não conseguia estudar.

Um colega de estudo de teologia Vandir Laia, percebia a minha angústia perguntou: - *Você quer voltar para África? O que respondi prontamente; - lógico! Vandir retruca: - Mas, vai voltar para terminar seu curso, não vai?* Com ajuda dele e os amigos conseguiram bilhete de avião para minha viagem.

Em dezembro de 1998 concluí o curso de Montagem e Manutenção em Microcomputadores e eu fui a Guiné-Bissau numa visita de 16 dias para rever minha mãe e meus três irmãos. Em janeiro de 1999, voltei para continuar os estudos de Bacharel em Teologia, concluindo em 2003. Logo após o término de Faculdade de Teologia, entrei numa escola de pré-vestibular cujo amigo Fábio ajudou a pagar parte das mensalidades.

Em 2004, participei da prova com muito medo de não conseguir passar, porém, passei para curso de licenciatura em filosofia. Logo surge a barreira financeira. Eu não tinha como pagar os (R\$ 515,60) reais da mensalidade e o pior, eu tinha visto temporário IV – visto de estudante do convênio sem direito a poder trabalhar. Tive que explicar a minha realidade com muita vergonha a Instituição PUC-BH que deu desconto para mim. Fábio novamente entrou em cena ajudando pagar os boletos.

Em 2008, concluí o meu curso de Licenciatura Plena em Filosofia e o meu diploma ficou retido durante um ano, sendo liberado no final de 2009. Com o diploma em mão decidi mudar para tentar Pós-graduação em Ensino Religioso e também viver em Espírito Santo influenciado por meu conterrâneo N'damy, já falecido, e que vivia em Vila Velha há mais de 15 anos.

Belo Horizonte não me oferecia oportunidade concreta de vínculo empregatício. Morando agora no Espírito Santo em 2009, fui surpreendido com a morte da minha mãe. Um duro golpe da lei da vida que eu não aceitava e queria ir de vez para Guiné.

Desempregado, com família para sustentar e sem dinheiro para comprar passagem, fiquei paralisado. O meu curso de pós-graduação foi cancelado na Faculdade Unida de Vitória e perdi o ano de 2009 sem realizar nada. Em 2010, participei do processo seletivo, mas não fui admitido nesse processo em Vila Velha sob alegação de ser estrangeiro e de que as vagas eram de exclusividade do cidadão brasileiro.

Sem emprego, arrumei dinheiro com muita dificuldade e voltei para Guiné-Bissau, deixando trancado a matrícula de curso da pós-graduação. Em Guiné-Bissau, fiquei durante o ano de 2010 todo trabalhando na educação como professor de Filosofia, História e Sociologia. Em 2011, a lei foi abolida em Vila Velha, voltei e consegui emprego na mesma prefeitura e reabri o meu curso em 2013 e concluído em 2015.

Nós, humanos, sempre reconhecemos e homenageamos a quem merece a nossa honra. Seja em vida ou não. Peço aos deuses todos os dias nas minhas orações que viva muito até que presencie seus bisnetos! Mas antes que chegue a velhice; em que M'bana N'tchigna entrará em dias avançados, aproveito externar a modesta e sincera honra perante meu sentimento, minha visão e perante o que acompanho do meu íntimo sobre minha pessoa.

Ao meu pensamento que elevo aos filhos da nação da savana em que nasci se um dia lerem sobre mim! Começo a reconhecer aos anciões do clã, meus pais e ao meu primo Betakda Na Nguwana. Parabênizo a composições do conjunto de toda educação BANTO. Contudo, tenho meus parabéns hoje em especial para você

M'bana! Sabe por quê? É porque você não vai se envaidecer e muito menos receber este reconhecimento e elogio para se vangloriar! Tenho plena convicção de que, ao se tornar homem, a maturidade que sempre exibiste ao longo do tempo em que conheço a sua pessoa, principalmente perante a forma com que lidou com a revelação em marcha até aqui, me dá motivo para dizer o que digo neste instante a te!

Você M'bana, se surpreende proporcionou orgulho ao silenciar e frear várias perguntas fora e dentro de si mesmo, quando de vez enquanto faz pergunta no seu íntimo sobre os destinos que a sua vida tem inventado. Não que as perguntas acabaram, mas pelo menos, chegou momento de dar uma olhada retrospectiva constatando motivo imensurável pelo qual no coração da savana africana saíste para orgulhar de si mesmo. Você soube se posicionar dentro de sua limitação, é claro, e de seu “pelotão” como militante consciente de sua fragilidade e dizer: “estou sentindo medo..., me parece que não é o caminho viável...” Quando perpassa na minha mente sobre seu depoimento e debruço-me a meditar em cada degrau em que subsiste desde savana até pegar um voo iminente e foi parar no Brasil! Olha! Como é que isso aconteceu? É impressionante para mim!

Tenho razão sim, de me orgulhar de você. Pois aquele menino trazido pelo seu primo aos 17 anos de idade vindo da savana de Banta-Síllá da região de Quínará. O menino franzino que na altura de sua vinda a Bissau, vestuário não sentia seus músculos, agora venceu como uma árvore que se potencializou no solo. “Não no solo fértil, mas sim, num solo árido onde o “oxigênio” de sobrevivência em cada ano que lhe finda no Brasil, sobreviver milagrosamente num emprego incerto que o ano letivo lhe promete.

Mesmo tendo toda essa razão para desmoronar em desânimo, sem motivo para prosseguir nos estudos, surge no seu caminho alguém que te dá a mão para você seguir! Essa é a leitura que faço impressionantemente e, que é o motivo para homenagem que te rendo. Sei que haverá um dia quando todos nós haveremos de dizer “M'bana já se foi! Ele se foi como o vencedor de desafios que nem ele mesmo propôs. Eu M'bana, de agora, não posso esperar por esse dia que há de chegar, pois é o dia inútil para mim. É o dia em que você não me escutará. Faço a minha homenagem hoje quanto antes, pois não sei quando é que chegará o meu dia! Sim,

não o sei. Você já contribuiu bastante e sendo jovem tens muito a contribuir ainda. Você com certeza deixará uma história que talvez não aparecerá para toda humanidade, mas essa será contada na savana como referencias incalculáveis a nova geração.

Referencias de me encher de orgulho! Onde seu clã, mesmo sem respeito e nem referência a cultura Ocidental, se renderá. Se tu ofendes de algum modo a alguém por lhe errar M'bana, a isso a mim Bláktë seu codinome, não posso me intrometer, pois essa pessoa tem direito e razão para tal, mas se alguém te odiar pelo bem que tens semeado, eu Bláktë peço aos deus a misericórdia pela pessoa!

Não quero perder essa oportunidade em vida de reconhecer o seu esforço em cumprir com muita dificuldade o sonho que sonharam para você. Sua coragem se equipara a sabedoria e a eficiência na testa das dificuldades que se impõem. Não diminuo e nem inferiorizo a corporação da criançada, homem e nem o ancião da nossa savana. Todos são valiosos quanto a te. Uma vez que cada um procurou incrustar em sua vida a camada hierárquica com trabalho sério de acordo com o destino que Deus desenhou para ele. Continue humilde, simples e sem arrogância. Continue a não exibir nenhuma pretensão e nem preferência por "A" ou "B" como eu vejo. Considerem todo ser humano bom de antemão até que prove contrário. Parabéns meu HOMEMZINHO DA SAVANA QUE ME ENCHE DE ORGULHO. Sua mansidão iliba de prepotência e eleva seu sonho que não sonhaste frustrando qualquer erro por medo que tenhas cometido! Para terminar me perdoe se eu exagerei e/ou expôs você da forma que não gostaria.

Pois confesso que desconheço a real situação que vive no momento em todos os aspectos no seu íntimo no Brasil. Saúde, longa vida e muita prosperidade junto a sua família. Gloria e paz a tua carreira!

Depois de longa trajetória de vida entrei em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM). Um novo sonho que nunca havia sonhado, e que agora está se realizando.

Em 2015, participei do curso de CDDH na Serra, pois estava novamente desempregado e sem esperança em curto prazo de conseguir emprego, resolvi participar do curso em questão. No curso conversava com uma colega, Maria José que era curiosa queria saber de onde eu vim e da cultura e dos valores que a África tem que ela adoraria ter implementado na educação Brasileira.

Falei a ela que eu vim de uma savana cravada no interior do meu país na África. Maria José ficou deslumbrada com o que ela considera privilegio de ouvir o próprio africano relatando sobre aquilo que só via pela televisão em relação à África. Depois de ouvir tudo que ela queria ouvir de mim ela pergunta: - *E aqui, o que faz?* Respondi: - *Eu estudo.* - *Sou estudante só que este ano de 2015 não estou estudando.* Expliquei qual foi o motivo. E ela então me explicou sobre onde estuda que é na EMESCAM. E perguntou: *Porque não vai lá e tenta uma bolsa?* Sem acreditar eu retruquei: - *bolsa para mestrado? Lá é caro eu não tenho condição de estudar numa faculdade particular.* Mas ela insistiu afirmando que não custava nada tentar. E eu já estava indo embora e ouvi-a a afirmar: - *Vou falar sobre você lá na EMESCAM quem sabe!* Semana seguinte voltou e disse a mim: - *olha M'bana vai lá e procure pela Yara que ela te apresenta um dos professores lá e você expôs sua situação.* Recusei esse desafio no meu coração. Recusando ir a EMESCAM duas semanas. Depois da existência da Maria José estive na Faculdade e procurei pela Yara que me encaminhou a Dr. Valmin com quem conversei numa sala expondo simplificado de onde vim e o que faço no Brasil. Dr. Valmin responde: - *EMESCAM vai te ajudar e eu quero trabalhar com você no sentido de orientação.* O ano, 2015, estava terminando e logo em 2016 entrei no curso. Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local na instituição de ensino superior “Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM”.

A Yara, a secretária com seu jeito humana se propôs a me apoiar. Regularizou a minha matricula e providenciou a minha carteira de estudante, viabilizando recursos junto aos professores do mestrado para aquisição de vale transporte.

Os professores muito solidários, sensíveis, sobretudo, demonstradores de profissionalismo. Mas entre todos desenvolvi relação estreita com Dr. Valmin. O que

começou por ser meu orientador. Mas logo percebi que o nosso relacionamento não se resume entre aluno e professor. Partindo do ponto de vista humano, o campo de olhar, o ideal almejando para mim, para povos menos favorecidos e, sobretudo, referente à emancipação ainda não alcançada desses povos, dói no imaginário do Dr. Valmin. Percebe-se em Dr. Valmin também o não conformismo com a falta de oportunidade que não se cria negligenciando a questão social para o pobre de qualquer origem no Brasil e no mundo é explícito na sua abordagem quando ele refere assunto da Política Pública.

É desse homem que surge novamente alguém na lista dos meus desafiantes nessa nova etapa. Se antes contei dos desafiantes fatores determinantes, (como ele nos ensinou numa de suas aulas,) com a minha savana, meu primo Betakda, Prof. Siuná Pkòká, Vânia e Fábio, agora pode se acrescentar nesta lista Dr. Valmin. Um homem que tem jeito de trabalhar quase querendo atingir a perfeição. Não vejo nele um trabalho a ser executado de qualquer jeito ou meio termo. Faz bem feito ou não faz aquilo que se propõe.

Ao questionar sobre qual termo desejo pesquisar e eu lhe expliquei que seria sobre Amílcar Lopes Cabral logo pediu esboço do projeto, uns dias, devolveu projeto com sua correção feita. Entregou-me a correção e, recomendou: - *você vai trabalhar assim, não sai do que eu te mostrei*. Eu por minha vez olhei projeto exclamei no meu íntimo: “- *esse homem é velos no pensamento será que dá para acompanhá-lo?*” Alguns dias quando já havia mandado primeiro texto meu para avaliação dele. Eu estava paralisado pela reprovação do texto, pois comentou de jeito educado, porém rígido: - *Deste jeito não está bom, você não vai conseguir. – A sua dificuldade reside em ler mais e prestar atenção como explorar um texto acadêmico*. Quando chegou num texto de participação social. Redigiu o texto que fiz e mandou para mim e recomendou novamente. – *Leia esse texto tantas vezes precisar e compreenda como deve trabalhar um texto científico para você melhorar*. Com toda paciência além de ler tudo, escreve e mostra a onde estão os erros. Desafio com Dr. Valmin não é criticar, sentir preguiça de ler trabalho e muito menos cortar e mandar aluno fazer de novo.

Ele questiona: Qual é a sua dificuldade? Além de pedir frequentemente que eu mandasse texto para ele ver. Sentava e dizia com calma para mim: - Leia M'bana e veja se é isso que você estava pensando! Hora falava: - Agora vamos sentar par escrever junto o que você conseguiu. Outra hora dizia: Isso ai vamos ter que tirar daí. Ele sabia delegar a tarefa e função que cabe ao aluno. Para isso me dizia: - Isto aí, é você que tem que fazer.

Dizia sempre para mim: você tem que melhorar sua leitura. Da Faculdade passei a frequentar a casa dele. Abriu sua casa onde a cada visita eu me sentia como membro de sua família. O quarto do seu neto Guilherme virou meu quarto sempre que precisar dormir na casa deles. Vários finais de semanas fui à casa de praia com eles. Às vezes para descansar ou estudando e melhorando o meu projeto de monografia. Confesso que o olhar de Valmin para mim não é de um orientar apenas, mas de um homem desafiador que sabia ressuscitar um brilho já apagado estimulando a pessoa para nova caminhada. Falava com maior tranquilidade. - “você vai voltar para savana com doutorado M'bana” e sorria.

Não passava mão na minha cabeça, me desafiava a sentir capaz e competente para qualquer coisa na vida. E sobretudo para que eu acreditasse no meu potencial. Escutava a minha opinião sobre assunto e depois acrescentava com naturalidade: - “Isso não tem problema, isso ai nós vamos resolver”. Nunca falou para mim, olha não tem jeito. EMESCAM e o desafiante Valmin, olhem a onde cheguei!

Conclusão: falar de mim é concluir que a maneira que a minha formação acadêmica se construiu e se constrói ainda é fruto de sonho de alguém que sonhou o sonho e me desafia a realizá-lo. Por mim mesmo já teria parado pelo caminho. Grato a todos!

REFERÊNCIAS

AL MAYADEEN, S. L. Portal Nacional de Solidariedade Brasil/Cuba. **Fidel Castro, internacionalista solidário**. 2015. Disponível em: <<http://www.cubaviva.com.br/2015/04/fidel-castro-internacionalista-solidario.html>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

ANDRADE, J. P. **Globalização e Agenda 21: novas formas de relação entre o lugar e o mundo**. 2012. Disponível em: <http://www.geodinamica.com.br/wp-content/uploads/downloads/2012/05/SD_Globalizacao-e-agenda-21.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ARANHA, A.; FERREIRA I. **A Independência da Guiné-Bissau**. 2011. Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/independencia-guine-bissau/>>. Acesso em 21 jul. 2017.

BARROCO, S. M. S. Fracasso escolar na Guiné-Bissau: contribuições da educação e da psicologia brasileiras – UEM - Brasil. **37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt20-4579.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

BERTAUX, D. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, v. 69, p. 197-225, 1980.

CABRAL, A. L. **Ilha tu vives — mãe adormecida — Unidade e Luta**. Praia. Cabo Verde, 1945.

CABRAL, A. L. **A Nossa luta é fundamentalmente uma luta de libertação nacional ou uma luta de classes?** Disponível em: <<https://portalvermelhoesquerda.wordpress.com/2016/12/04/amilcar-cabral-a-nossa-luta-e-fundamentalmente-uma-luta-de-libertacao-nacional-ou-uma-luta-de-classes/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CABRAL, A. L. Disponível em: <<http://www.amilcabcabral.org/livro.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

CABRAL, A. L.; NKRUMAH K. **Vida e obra de Amílcar Lopes Cabral e Kwame Nkrumah**. 2015. Disponível em: <http://trabalhosfeitosnavegante.blogspot.com.br/2015/03/vida-e-obra-de-amilcar-lobes-cabral-e_13.html>. Acesso em: 08 nov. 2017.

COMISSÃO POLÍTICA NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL-PCdoB, 2014. **Lênin: suas ideias revolucionárias seguem vivas no século 21**. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/234127-9>>. Acesso em: 21 out. 2017.

Custo social do analfabetismo para Guiné-Bissau. **Documento quadro para uma Política do Emprego na Guiné-Bissau**. Disponível em: <file:///C:/Users/mbana/Desktop/IMPATO%20SOBRE%20ANALFABETISMO%20NA%20GUIN%C3%89%20%20gbs_emprego.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2017.

DJALÓ, M. A. **Interferência do Banco Mundial na Guiné-Bissau: a dimensão da educação básica - 1980 – 2005**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92590>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

DUARTE SILVA, A. E. **A independência da Guiné-Bissau e a descolonização portuguesa**. Porto. Edições Afrontamento, 1997.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 173.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 107.

FMI. Fundo Monetário Internacional. **Relatório do FMI No. 11/353**. Dez. 2011. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/lang/Portuguese/pubs/ft/scr/2011/cr11353p.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GUINÉ-BISSAU. **Projeto Guiné-Bissau contributo**. 2010. Disponível em: <<http://www.didinho.org/Arquivo/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

GUINÉ-BISSAU. Perspectivas econômicas na África. **Info Europa 2012**. Disponível em: <<file:///E:/CUSTO%20SOCIAIS%20DE%20ANALFABETISMO%20PARA%20GUINE%20BISSAU.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

GUINÉ-BISSAU. **Dados consolidados**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/conferencia_guine.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

INE. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Estatísticas Básicas da Guiné-Bissau 2014**. Disponível em: <<http://www.stat-guinebissau.com/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ISSUFO, N. **África Lusófona Lamenta Morte de Fidel Castro. Fidel Castro Deixa 'boas recordações' nos PALOP. 2016**. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-002/fidel-castro-deixa-boas-recordacoes-nos-palop/a-36534844>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

LARANJEIRO, C. Amílcar Cabral: o que foi e o que dele faremos. **Mestres do Mundo. Trabalho final do Seminário Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva**. 2014. Disponível em: <http://alice.ces.uc.pt/en/wp-content/uploads/2014/03/Mestres_do_Mundo_Amilcar_Cabral2.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2016.

LOPES, A; SOARES, T. T. **Os media na Guiné-Bissau**. Bissau, 2015. Disponível em: <http://www.imvf.org/ficheiros/file/mediaguinebissau_net.ptf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELO, V. A. **Desafiando o inimigo: o esporte e as lutas anticoloniais na Guiné**. 2013. p. 25. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/desafiando-o-inimigo-o-esporte-e-as-lutas-anticoloniais-na-guine/>>. Acesso em: 03 set. 2017.

Ministério das Relações Exteriores. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos. Divisão de Inteligência Comercial. **Guia de Negócios**. Guiné Bissau. Disponível em: <<https://investexportbrasil.dpr.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/GNGuineBissau.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MONIZ, L. V. **Amílcar Cabral e Paulo Freire na era da tecnologia digital**. 2004. 163f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2004.

NEVES, J. “**Marxismo, Anticolonialismo e Nacionalismo: Amílcar Cabral, A Imaginação “A Partir de Baixo”**”. 4º Congresso Marx/Engels. Campinas: CEMARX/UNICAMP. 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m1c1.PDF>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

NOTICIA MEDIATECA. **Para Amílcar Cabral, a educação era a principal arma da libertação**. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt-002/para-am%C3%ADlcar-cabral-a-educa%C3%A7%C3%A3o-era-a-principal-arma-da-liberta%C3%A7%C3%A3o/a-18200807>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Perfil de EPT da Guiné-Bissau: situação global da educação para todos. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Dakar/pdf/GuineaBissau/PerfilEPToct2012.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PNUD. Publicado para el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD). **Ediciones Mundi-Prensa 2003a**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2003_es.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

PNUD. Informe sobre Desarrollo Humano 2003b. **Los Objetivos de Desarrollo del Milenio: un pacto entre las naciones para eliminar la pobreza**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2003_es.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Documento quadro para uma política do emprego na Guiné-Bissau**. 2002. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/gbs_emprego.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2017.

PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS, 2012. **Projeto Guiné-Bissau contributo**. Disponível em: <www.imf.org/~media/Files/Publications/CR/2017/Portuguese/cr17380p.ashx>. Acesso em: 15 de ago. 2017.

REIS, C. Jornalista. **Guiné-Bissau: pobreza, nepotismo e eleições.** 2008. Disponível em: <<http://www.alemmar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EkkVAZVAuPZZwgJJs>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

RELATÓRIO FINAL. Eleições Presidenciais Antecipadas 28 de junho – 26 de julho de 2009. **União Europeia Missão de Observação Eleitoral.** Disponível em: <<file:///C:/Users/valmin.ramos/Downloads/EU%20EOM%20final%20report-%20Guinea%20Bissau%202009.PT.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ROMÃO, J. E. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

Segundo Inquérito Nacional Smart | República da Guiné-Bissau. 2012. Disponível em: <[http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/SMART_PORT\[1\].pdf](http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/SMART_PORT[1].pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2017.